

Greve no ABC contra a fome

Metalúrgicos de
Ribeirão Preto e
Taubaté também
param. São 60 mil
em greve. Pág. 8



Vinte mil grevistas da Volks cantam em coro o tradicional "Chora Figueiredo que chegou a sua hora".

EDITORIAL

Todo apoio à greve

O ministro-patrão Murilo Macedo disse que 3% é muito pouco para os operários do ABC fazerem greve. Mas, se é tão pouco, por que ele não convence os patrões a aceitar esta reivindicação? E por que o Tribunal Superior do Trabalho cedeu às pressões da Fiesp para revogar os 7% de aumento já concedidos pelo TRT e limitar o reajuste a 4%?

A vida dos operários hoje é tão difícil que, em muitos lugares, antes de exigir aumento, eles têm que lutar para receber os salários atrasados há meses, como na Coferraz, em São Caetano, e na Cimetel em Minas. E até para arrancar 3% de aumento que os patrões sovinas e carrascos lhes recusam, são obrigados a fazer greve, como agora no ABC.

Com o aprofundamento da crise, agravada pela política econômica do governo, milhões são jogados no desemprego ou no sub-emprego. E o crescimento da reserva de mão-de-obra ociosa aumenta a pressão dos capitalistas para a redução dos salários. A exploração é redobrada: os operários trabalham sob fiscalização rigorosa nas empresas. Cada vez é mais difícil ganhar o pão de cada dia. Os operários são obrigados a se mudar para as periferias da cidade e muitos vão para as favelas. Sugados até a última gota de sangue, não têm lazer e não podem conviver com a família. Todas as suas horas são dedicadas ao trabalho incessante para ganhar um mínimo que mal dá para sobreviver, ou à busca de um emprego.

O governo se tornou o patrão-mor. Ele é que determina os índices de aumentos salariais. E as greves não são resolvidas nos locais onde foram deflagradas, mas em Brasília, Murilo Macedo não vacilou em atacar a greve dos metalúrgicos do ABC, mas não fez nada de concreto para que os patrões da Coferraz paguem o que devem aos operários desde janeiro.

Esta situação exige dos operários formas de luta mais vigorosas. Não bastam as greves por empresa quando os patrões tem a proteção do governo super-patrão. Só a união geral dos operários pode acumular uma força maior. Já não basta a greve passiva dentro da empresa, quando os patrões recorrem aos poderosos meios de propaganda para desmoralizar e isolar os operários. Só a greve ativa, saindo para as ruas, para buscar a solidariedade de todos os outros setores operários e populares, pode ganhar a opinião pública e pressionar o governo e os patrões.

A interferência direta do governo leva a politização dos movimentos grevistas. Torna-se indispensável mobilizar o apoio de todos os democratas para garantir o próprio direito de greve. Só uma vigorosa ação de massas pode impedir que os patrões forcem a decretação da ilegalidade das greves, como vem acontecendo, para amarrar as mãos dos grevistas. Só uma ampla campanha democrática pode impedir a intervenção nos sindicatos, a prisão e enquadramento dos dirigentes sindicais na Lei de Segurança Nacional.

A grande questão para a classe operária é a unidade. Unidade da classe operária e unidade dos operários com os outros setores populares e democráticos. Unidade de luta para defender seus interesses vitais.

A classe operária tem o direito também de exigir de seus dirigentes sindicais que não se envolvam nas disputas mesquinhas de grupos e não tolerem a divisão do proletariado pela política partidária burguesa. Que nos sindicatos façam política, mas política unitária de classe contra os patrões e o governo. Que adotem uma posição de luta e não de passividade. Que busquem o mais amplo apoio sindical em defesa dos direitos comuns dos trabalhadores.



Em quem vão votar os trabalhadores em 82

Comentário político sobre a luta na frente eleitoral. Pág. 3

Eles precisam do seu apoio

Os metalúrgicos da Coferraz, no ABC, não recebem desde janeiro e estão em greve desde março. Ajude a sustentar esta luta: envie sua contribuição às sucursais da Tribuna; ela chegará.

Guerrilheiros da Guatemala denunciam chacina de 3 mil

Numa ação surpreendente, dois grupos guerrilheiros invadiram, dia 12, a Embaixada do Brasil na Guatemala para denunciar os crimes do governo fascista guatemalteco contra o povo do país. Segundo as denúncias dos guerrilheiros, desde que os generais da Guatemala substituíram o governo também sangrento de Lucas Garcia pelo de Rios Montt, dia 23 de março último, foram assassinados "mais de 3 mil homens, mulheres, crianças e anciãos na região ocidental" do país. Os guerrilheiros (cerca de

20) exigem que "o Exército se retire de nossas comunidades pondo fim à matança". Tem-se a reação do governo fascista do general Montt. Há pouco mais de 2 anos, os militares guatemaltecos incendiaram a embaixada da Espanha no país, também invadida por oposicionistas.

O resultado da ação repressiva foi a morte de 39 pessoas! A exemplo de outras ditaduras militares latino-americanas, a da Guatemala é apoiada pelos Estados Unidos, militar e economicamente.

Abi Ackel quer expulsar Javier!

Baseado em pedido da Polícia Federal, o Ministro da Justiça, Abi Ackel, tomou medidas para expulsar o Presidente da UNE, Javier Alfaya, do território nacional. É uma nova manobra infame contra os movimentos populares e democráticos.

O ministro abriu um processo baseado na facista Lei dos Estrangeiros, pois Javier é de origem espanhola, e deu um prazo de 30 dias para se concluir o processo.

Não é apenas Javier que está sendo atingido. São todos os estudantes brasileiros e sua entidade máxima. É também todo o movimento

popular e democrático. O governo já fez isto com o padre Vito Miracapillo. Quer ameaçar e punir a oposição. Calar a voz dos lutadores mais consequentes. Não podemos permitir. É hora de se unir em defesa da liberdade e responder com firmeza. Defender Javier é defender a liberdade. A UNE conchama aos democratas, partidos, entidades e organizações populares a enviarem telegramas e moções para sua sede — na R. Monte Alegre 984 (PUC-SP) Perdizes, São Paulo — e ao ministro da Justiça exigindo que recue de sua decisão.



Javier, o presidente da UNE

Figueiredo de braço dado com o bandoleiro Reagan

A visita do general aos EUA. Página 3

Ingleses, fora das Malvinas, fascistas, fora da Argentina!

Afinal quem tem razão nesta guerra? Pág. 2

Soa o alarma no sertão do Nordeste com a desativação das frentes

A Tribuna esteve no sertão do Paraíba para ouvir os trabalhadores ameaçados de fome e suspensão das frentes de emergência. Pág. 4

Em Sergipe tem um arcebispo que é grileiro

Página 5

Luta grevista dos professores chega ao Piauí

Depois de Goiás, Acre e Bahia, as aulas param no Piauí, dia 13. São 18 mil em greve em Teresina, Parnaíba, Picos e Trípá, por um salário digno. O movimento está na pág. 5

O falso socialismo de Mitterrand um ano depois

Há um ano François Mitterrand, do Partido Socialista, foi eleito presidente da França. Milhares de pessoas saíram às ruas para festejar a vitória do "socialismo em liberdade" que prometia mudar o país. Hoje esta grande expectativa vai se transformando em frustração. O governo do PS pouco difere dos outros.

na crise na América Central, esta independência é apenas uma tentativa de expandir o domínio francês nas áreas onde o imperialismo ianque está em crise. Na verdade Mitterrand mais parece uma nova versão do falecido general Charles De Gaulle, que dominou o cenário político francês depois da II Guerra.

dores com o capitalismo disfarçado dos social-democratas. E isto se manifestou nas eleições municipais de março último, quando a colização governamental do Partido Socialista com o Partido revisionista (PCF) sofreu uma séria derrota.

DESENCANTO COM O PS

Muitos trabalhadores franceses desencantados com os falsos socialistas, votaram nas forças de direita. Ganhou terreno o capitalismo sem máscara. O povo francês, com uma rica tradição revolucionária, vai fazendo a sua própria experiência. A votação em Mitterrand foi uma demonstração do desejo de mudança. Mas este governo significa apenas uma mudança de fachada. Por mais que os social-democratas semeiem ilusões, não poderão impedir o reencontro da classe operária com a revolução.

POLÍTICA DE GUERRA

Na questão da luta pela paz, até hoje Mitterrand não tomou nenhuma medida concreta. Pelo contrário, a França participa ativamente da corrida armamentista em que os países imperialistas cada vez mais se envolvem. E continua atrelada ao bloco militar agressivo da OTAN, que serve de apoio ao imperialismo americano na Europa.

Desta forma, o balanço de 12 meses de governo Mitterrand deixa como saldo principal uma crescente desilusão dos trabalha-

A nível internacional, a França continuou a velha potência imperialista de sempre. No conflito das Malvinas vem dando apoio decidido ao colonialismo britânico. No início do ano, Mitterrand visitou Israel, respaldando o governo de Begin quando este bombardeava indiscriminadamente o Líbano. Na África, o novo governo só fez intensificar a dominação neocolonial sobre as ex-colônias francesas, como a República da Costa do Marfim. Mesmo nos casos onde o governo Mitterrand assume uma posição mais independente em relação aos Estados Unidos, como



Manifestação sindical de protesto na França "socialista" de Mitterrand

Povo namíbio não aceita falsa descolonização imperialista

A SWAPO rejeitou, na semana passada, uma proposta de "descolonização" apresentada pelas principais potências imperialistas ocidentais que buscavam manter a Namíbia sob o jugo fascista da África do Sul.

A Namíbia tem pouco mais de 1 milhão de habitantes e fica no sudoeste da África, entre Angola, Zâmbia, Botswana e África do Sul. Inicialmente ocupada por colonialistas alemães e ingleses, depois da I guerra mundial foi colocada sob a administração da África do Sul pela Liga das Nações. Depois da II guerra mundial, até a ONU manifestou-se a favor do direito do povo namíbio à independência. Mas, os racistas sul-africanos sempre se recusaram a abrir mão do território ocupado.

Em 1960, foi fundada a Organização do Povo do Sudoeste Africano — SWAPO — que passou a encabeçar o movimento de libertação nacional. Em 1966, a SWAPO passou à luta armada contra as tropas de ocupação e organizou o Exército Popular de Libertação da Namíbia.

NOVA ETAPA DA GUERRA

Depois da independência de Angola em 1975, os racistas perderam o apoio decisivo do colonialismo português e a guerra nacional-libertadora entrou numa nova etapa. A guerrilha se alastrou por todo o país.

Com a intensificação da luta patriótica, o imperialismo norte-

americano e o governo sul-africano passaram a defender uma independência fantoche que preserve seus próprios interesses econômicos e estratégicos na região. Nesse sentido, os fascistas instalaram uma suposta Assembleia Constituinte em maio de 1979. A África do Sul invadiu repetidas vezes o sul de Angola para atacar as bases da SWAPO e promoveu as mais bárbaras atrocidades, assassinando e violando populações. Tudo isto com o apoio militar e econômico do governo de Washington.

Mas a luta nacional libertadora da Namíbia conquistou inúmeras vitórias no terreno militar e diplomático. A SWAPO

é reconhecida hoje pelas Nações Unidas e pela Organização da Unidade Africana como a única representante legítima do povo namíbio. A Assembleia Geral da ONU aprovou um apelo em favor de apoio material e político à SWAPO. Os guerrilheiros da Frente têm conseguido furar a zona militarizada criada na fronteira entre a Namíbia e Angola, com que os racistas sul-africanos pensavam tornar o país imune às inscrições dos revolucionários. No final de abril passado, um comando guerrilheiro penetrou no coração do país travando uma série de combates com as tropas sul-africanas e deixando um saldo de 70 mortos.



Tropas mercenárias sul-africanas ocupam a Namíbia há mais de 30 anos

Greve Geral em Portugal

Uma greve geral em Lisboa, no último dia 11, foi brutalmente reprimida pela polícia, resultando em dois operários mortos e cerca de 80 feridos. A greve paralizou a indústria, os transportes urbanos e o tráfego aéreo.

Foi convocada pela Confederação Geral do Trabalho em protesto pelo assassinato de dois outros operários no 1º de Maio.

Além da repressão, os patrões e o governo colocaram em atividade provocadores e fura-greves

para tumultuar o protesto. Em relação ao assassinato dos dois operários no 1º de Maio, atingidos por tiros dos policiais, a única atitude do governo foi instaurar um processo contra a Confederação Geral do Trabalho.



Soldados argentinos nas Malvinas: instrumentos de uma aventura guerreira e reacionária

A ditadura de Galtieri não merece nenhum tipo de apoio

A ditadura militar argentina e o imperialismo britânico prosseguem com a aventura militar nas Malvinas. A Inglaterra procura preservar suas posições colonialistas na região. Com a sua poderosa frota de guerra no Atlântico Sul, pretende também intimidar os povos da Argentina e de todo o continente. Seus atos de pirataria servem ainda para tentar justificar os custosos preparativos guerreiros que realiza às custas dos trabalhadores ingleses.

No plano militar, a Inglaterra aproveita-se de sua superioridade em uma guerra rápida, e trata de causar baixas nas forças argentinas e ocupar posições nas Malvinas. Agências internacionais dizem que as tropas inglesas já desembarcaram na ilha Gran Malvina (a maior das Malvinas, mas quase desabitada) e atacaram um navio argentino no próprio canal que se para a Gran Malvina da ilha Soledad.

A Argentina, por seu lado, joga na dificuldade da Inglaterra manter uma frota militar tão grande a mais de 15 mil quilômetros de distância. Os generais fascistas encontram-se em apuros. Adotam uma tática defensiva e procuram encontrar uma saída honrosa para negociar.

AJUDA MILITAR

Na Europa, o conjunto dos partidos sociais-democratas assumiu a defesa do imperialismo britânico. Repetem o que fizeram os partidos oportunistas da II Internacional na I Guerra Mundial, que em nome da "causa nacional", apoiaram suas respectivas burguesias no conflito interimperialista.

No Brasil, por outro lado, certas correntes políticas, que viviam se engalfinhando em torno da luta democrática contra o regime militar brasileiro, colocam-se de acordo para formar comitês de apoio ao general Galtieri. Dizem que apoiam "a luta do povo e não a ditadura argentina". Mas tratam inclusive de pressionar os generais brasileiros para enviar ajuda militar para a Argentina.

Fica então clara, atrás das belas palavras, a colaboração real com o regime militar. Quem vai receber

Torturador e vende-pátria

Em 25 de abril as ilhas Georgias foram tomadas de assalto pelas tropas inglesas. A guarnição militar argentina, comandada pelo tenente da marinha Alfredo Artiz, rendeu-se em apenas 45 minutos de combate.

Como "defensor da Pátria" Artiz revelou-se um fracasso. Mas adiante de vítimas indefesas, penduradas no pau-de-arara, o tenente demonstrava uma grande valentia. Ele era ligado à Escuela Mecanica de la Armada, um dos mais bárbaros centros de tortura da Argentina. Entre 1974 e 78, passaram pela Escuela mais de

4.700 pessoas. E como torturador, o tenente era muito bem visto entre seus colegas de farda.

O governo da Suécia acaba de solicitar à Inglaterra que o tenente seja julgado pelo sequestro, tortura e morte de duas freiras e da estudante Dagmar Hagelí, cidadãs suecas "desaparecidas" na Argentina. Mas como "prisioneiro de guerra", Artiz se encontra sob proteção da Convenção de Genebra. O tenente Artiz representa muito bem o regime militar vende-pátria que procura se disfarçar como defensor dos direitos nacionais argentinos.

SUNDAY TRIBUNE, OCTOBER 18, 1981

SURVIVORS of the notorious Escuela internment camp in Buenos Aires — where victims were methodically tortured and from where many prisoners disappeared never to be seen again — have provided details of their experiences which implicate two senior Argentinian diplomats now serving in South Africa.

The men, attached to the Argentinian Embassy in Pretoria, are Rear-Admiral Ruben J. Chamorro (the Dolphin) and Lieutenant Alfredo Artiz (the Blind Angel).

Still in fear of their lives, survivors who have fled Argentina provided the Sunday Tribune with details of kidnappings and torture. They told of the grim fate of the majority of "desaparecidos" — the thousands of "disappeared" who were allegedly liquidated by the Argentine military.

And they identified the "Blind Angel" and "Dolphin" as two of the men who held posts in Argentina's most notorious internment camp.

"Dolphin" — meaning "Dolphin" — and "Blind Angel" were the codenames of Rear-Admiral Ruben J. Chamorro, commander of the Escuela Mecanica de la Armada (Naval Mechanics School) from 1974 to 1978.

During those four years the Escuela was used as a secret detention and torture camp for about 4,700 men, women and children who were thought by the Argentinian military authorities to oppose their regime. Fewer than 100 people are said by Amnesty International to have survived.

TORTURER



Lieutenant Alfredo Artiz

O Sunday Tribune com a notícia do tenente torturador de freiras

este auxílio militar são os generais fascistas e não o povo. Serão os tenentes Artiz que ainda estão por lá (ver box), será o general nazista Benjamim Menendez, governador das Malvinas, e o próprio general Galtieri.

Não se pode confundir a nação e o povo com os governantes reacionários. Estes governos, como o da Argentina, servem de apoio ao imperialismo para sufocar a nação e oprimir o povo.

UM NOVO GOVERNO

Só um novo governo, democrático e representativo do povo argentino, poderá defender a soberania argentina sobre as Malvinas. E defender a própria soberania nacional da Argentina. O povo argentino só terá sucesso na luta para expulsar os imperialistas ingleses de sua pátria se for capaz de liquidar o regime militar fascista de Galtieri e do tenente Artiz. Ao proletariado brasileiro cabe apoiar de todas as formas esta luta democrática e antiimperialista.

Para isto não pode cair no canto da sereia dos que de boca falam em ditadura sangrenta, mas na prática pregam o envio de ajuda militar ao regime de Galtieri.

Para o proletariado, a questão nacional não é isolada da luta pela revolução. A luta nacional que serve à revolução deve ser apoiada, mas a que está a serviço da contra-revolução deve ser combatida.

A guerra entre a Inglaterra e a Argentina não é um "choque armado entre o imperialismo de um lado e suas vítimas de outro". O general Galtieri e seus colegas de farda fascistas nunca foram vítimas do imperialismo. Pelo contrário, com a ação militar nas Malvinas tentam justamente manter um dos regimes mais vendidos ao imperialismo de todo o mundo.

Tribuna Operária

Editor:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.
Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oliveira Rangel.

Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saudade, Caixa Postal 1438, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maecel - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 Contagem - CEP 32000. Galeria Constância Valadares - 3º andar - sala 411 Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Fe-

deral: Ed. Brasília - sala 322 - Setor Comercial Sul - Goiás - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Curitiba - Tel.: 321-5085 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amaral Peixoto, 370 - sala 907 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa, 94, Centro, CEP 13100. Paraná: Av. Wiston Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 96100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauru, 658 - 1º andar - sala 15 Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjús, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00

Comum Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome:

Endereço:

Bairro:

CEP:

Centro de Documentação e Memória

Fundação Maurício Grabois

Cidade:

Fone:

Data:

Pfissão:

Em quem os trabalhadores votarão em 82

O centro da atividade política neste ano é a luta eleitoral. De um lado colocam-se os que insistem em manter o poder nas mãos dos generais e de outro a imensa maioria que já está farta de opressão. As eleições de 15 de novembro serão um julgamento do regime militar.

O governo faz tudo para desvincular a campanha eleitoral da discussão sobre a situação de descalabro a que levaram o país. Acusa de radical e revanchista qualquer um que se atreva a mostrar a responsabilidade dos generais nesta crise. Quer que a oposição se limite a uma campanha moderada e eleitoral. Usa a corrupção e desavergonhados casuístas para cercear as possibilidades de vitória oposicionista.

Figueiredo pensava que o voto municipal, para vereador e prefeito, é que puxaria a luta eleitoral. E para isto, impôs a vinculação de votos desde vereador até governador de Estado. Agora percebe que a disputa pelos governos estaduais é que vai comandar. Tenta então manobrar com os pequenos partidos para impedir a vitória do PMDB.

Mas a tendência atual é para o crescimento da oposição. A cada dia, amplia-se o descontentamento com o esquema fechado de poder dos generais. Cresce o protesto contra a desastrosa política econômico-financeira responsável pelo desemprego, pela carestia e pelo agravamento das desigualdades regionais. Existem condições reais para um vigoroso plebiscito eleitoral de repúdio ao regime militar.

A condição essencial para a derrota do governo é que a campanha tenha como centro a denúncia da situação calamitosa a que os generais conduziram o país, a exigência do fim do regime militar, a luta pela liberdade e pelas reivindicações mais sentidas do povo. E que os oposicionistas concentrem maciçamente a votação no PMDB. Este partido representa, na situação atual, as mais amplas tendências políticas e tem as melhores condições para aglutinar todas as correntes de oposição ao governo. O voto nos outros partidos, mesmo que possam apresentar certos candidatos que merecem respeito, dispersa forças e ajuda o PDS.

A oposição por sua vez ainda adota uma posição defensiva. Não se volta para a denúncia energética dos desmandos do governo. Não percebe que acima das disputas de um ou outro cargo está em questão a luta pela presidência da República em 1984 e a própria sorte do regime. Por exemplo, quando o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, afirmou que os eleitores deveriam julgar o regime, logo acorreram os bombeiros para amenizar as coisas. E muitas vezes prevalece no interior do partido o interesse de grupo acima da unidade para a luta comum. Permanecem também as restrições às correntes mais combativas da oposição popular, estreitando o campo da luta democrática. É justamente a corrente popular, por sua atuação consequente, que pode reforçar a unidade do PMDB e proporcionar uma votação expressiva para a legenda, como já ocorreu em 1974 e 1978.

O proletariado consciente luta por transformações profundas na sociedade brasileira. Mas atua no curso real da vida política. Neste ano tem como tarefa central a campanha eleitoral para mobilizar grandes massas com o objetivo imediato de derrotar o governo e conquistar posições democráticas em todos os níveis eleitorais. Luta pela legalidade de seu partido de vanguarda, mas nestas eleições apoiará o PMDB como principal frente legal de oposição. Terá uma política unitária com todos os setores oposicionistas, sem abrir mão de sua independência. Na Bahia, por exemplo, trabalha pela sólida unidade do PMDB mas atua com independência na Tendência Popular, fortalecendo a luta pela democracia.

O proletariado consciente incentivará a formação dos blocos populares para impulsionar a luta pela liberdade e pelos direitos da classe operária e do povo. Mas na luta comum para derrotar o governo apoiará os candidatos de oposição para governador e todos os outros cargos.

Os trabalhadores votarão nos candidatos do PMDB porque representam a mais ampla unidade contra o regime. E têm direito de exigir, principalmente dos candidatos a governador, que puxarão a campanha eleitoral, certos compromissos mínimos. Que se comprometem a não conciliar com o regime militar e a permanecer na oposição depois de eleitos; a não reprimir as justas manifestações populares e tomar medidas de emergência para atender suas reivindicações mais sentidas; a procurar formas de consultar o povo sobre seus programas de governo; a constituir seus governos com pessoas democráticas e progressistas; a defender a convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita.

Durante a campanha, a formação de comitês populares pode impulsionar a organização do povo e facilitar a criação de enbrões da unidade popular em todo o país. Uma derrota maciça do governo nas eleições e a eleição de um número significativo de representantes populares, contribuirá em muito para a luta pelo fim do regime e para a formação de um governo representativo das forças democráticas e da unidade popular.

(Rogério Lustosa)

Figueiredo quer confiança nos EUA

A disputa pelas Malvinas foi o assunto mais divulgado das conversações entre o presidente dos Estados Unidos e o general João Figueiredo em Washington. O general Figueiredo deixou escapar que "a proposta da diplomacia brasileira é fundamentalmente a de reatar os laços de confiança entre os países deste continente".

O apoio de Reagan aos ingleses provocou uma "séria comoção" nas relações entre os EUA e toda a América Latina. Mesmo no Brasil o ministro da Aeronáutica, Jardim de Matos, expressou descontentamento com os ianques, ao afirmar recentemente: "A expressão 'aliados tradicionais' é uma mera figura de retórica, capaz de encantar mesas de conferências, mas desprovida de qualquer significado prático, principalmente quando se refere a nações de mundos diferentes".

A política externa norte-americana na América Latina sempre se apoiou na demagogia, nos "interesses comuns" que os imperialistas alardeavam ter com o continente. Agora, com o apoio aberto do imperialismo ianque aos ingleses, as relações dos EUA com os países latino-americanos ficaram abaladas. Esses países pronunciaram-se favoráveis a ação armada do governo argentino nas Malvinas e sentiram-se traídos pela posição do governo Reagan. O secretário de Estado de Reagan, general Alexander Haig, confessou que esta buscando "corrigir estas irritações, que não são de maneira alguma insignificantes".

Nesse quadro insere-se a visita de Figueiredo ao seu colega Reagan. E as amabilidades do presidente americano para o seu convidado foram evidentes. O chefe do imperialismo ianque disse ao general brasileiro: "Eu tenho muito a apreender com Vossa Excelência e solicitarei o seu conselho sobre muitos assuntos de preocupação comum".

Os ianques contam com um poderoso trunfo na mão — a grande dependência do Brasil

ao imperialismo norte-americano (Veja box ao lado). Dependência agravada após o golpe dos militares em 1964, amplamente apoiado pelo governo dos Estados Unidos.

Dos seus encontros com Reagan, o general Figueiredo abordou também assuntos econômicos: a imposição de quotas para a entrada do açúcar brasileiro no mercado ianque; o estabelecimento do sistema de graduação para concessão de empréstimo pelo Banco Mundial; e o protecionismo afetando os esforços de exportação do Brasil para os Estados Unidos. E embora o general Figueiredo fale em política independente do país, certamente deixará o Brasil ainda mais atrelado aos EUA, após sua visita.



Reagan e Figueiredo: as divergências não chegam a prejudicar os interesses comuns

As garras do imperialismo no Brasil

Figueiredo-Reagan é um encontro entre o chefe de um país dominado e endividado e o chefe de um estado imperialista agressivo. Mesmo que o governo brasileiro tenha pequenas divergências, não consegue esconder que aplica obedientemente a política norte-americana. No quadro atual, esse comportamento não poderia ser diferente. Os Estados Unidos dominam a economia

brasileira de fio a pavio — principalmente o pavio.

As grandes potências dominam os países dependentes através de dois instrumentos principais: os investimentos diretos (em fábricas, fazendas, bancos, etc.) e os grandes empréstimos. Nesse assunto o Brasil é campeão mundial.

Nos últimos dez anos, enquanto o produto Interno Bruto cresceu cinco vezes, os investimentos diretos de capital estrangeiro cresceram 6,5 vezes e a dívida externa multiplicou-se por dez. O conjunto da penetração estrangeira que representava mais ou menos 12% do Produto Bruto passou agora para quase 30%.

Os investimentos diretos das potências imperialistas somam no Brasil a astronômica quantia de 19 bilhões de dólares. Os Estados Unidos controlam 30%, vindo em segundo lugar a Alemanha com 14% e em terceiro lugar a Suíça com 10%. Das 100 maiores companhias estrangeiras que atuam no Brasil, segundo o faturamento, 44 são norte-americanas.

Mas o principal instrumento de dominação é hoje a dívida

externa. Seu total atinge 62 bilhões de dólares para as dívidas de longo prazo. Muito maior que o montante dos investimentos.

Essa dívida tem duas partes, uma ligada aos bancos privados estrangeiros, num total de 45 bilhões de dólares, e o restante a agências, instituições e fornecedores (17 bilhões).

É muito difícil saber para quem o Brasil deve. O Banco Central não divulga, e muito menos as revistas especializadas. Quem fez um cálculo foi a empresa americana Salomon Brothers. O resultado é impressionante: aproximadamente 50% dessa parte da dívida cabe a bancos norte-americanos. Dos 45 bilhões, os americanos controlam mais de 22 bilhões.

E dos restantes, 17 bilhões devidos à agências e outras instituições, mais de 8 bilhões são controlados direta ou indiretamente pelos Estados Unidos. Só o Citybank emprestou mais de 5 bilhões de dólares ao Brasil — quase o dobro do investimento direto da Alemanha, mesmo juntando Volkswagen, Mercedes e muitas outras.



Em vez de chegar no Planalto Maluf pode acabar na Detenção

Segundo o senador Franco Montoro, Paulo Salim Maluf pretendia deixar o governo de São Paulo para chegar à presidência da República, mas "poderá ir parar na Casa de Detenção e ser compelido a devolver ao povo o dinheiro que gastou indevidamente". Porém, esta não é a opinião da 2ª Câmara do Tribunal de Contas que, em apenas 15 minutos, aprovou dia 11 as contas do governo Maluf, com todas as suas escandalosas mordomias.

A aprovação causou particular revolta em virtude das recentes denúncias do jovem deputado estadual Vanderlei Macris (PMDB-SP) sobre o uso das verbas de representação do governador. Como se recorda, as mordomias incluíam gastos com flores suficientes para comprar 225 dúzias de rosas por dia, e até a conta de uma noitada de militares estrangeiros na boate pornô "Oba-Oba", de Sargentelli e suas mulatas.

JULGAMENTO POLÍTICO

Revolta, mas não surpresa. Na véspera do julgamento, o deputado Macris, falando à Tribuna, apostava na aprovação

das contas e explicava o porquê: "Isto é um julgamento político. O Tribunal de Contas não tem autonomia de fato. Seus integrantes são escolhidos por indicação do próprio governador. Basta ver o caso do sr. Olavo Drumond de Andrade, hoje no Tribunal. Foi ele quem garantiu a controvertida eleição de Maluf na Convenção da Arena em 1978. Como gratificação, foi guindado à diretoria da Vasp e agora ao TC".

Mesmo assim, Macris não desiste, argumentando que "em

qualquer país democrático do mundo uma coisa dessas levaria o sujeito à cadeia". Agora, que Maluf já não goza dos privilégios de governador, o deputado pretende convocá-lo para prestar depoimento "no Fórum João Mendes, no banco dos réus. E se não quiser comparecer, terá que vir *sob vara*, obrigado". Uma perspectiva certamente pouco animadora para quem tem a pretensão de substituir o general Figueiredo no Palácio do Planalto. E que vai depender do avanço da luta democrática.



Maluf quer ser presidente mas a oposição exige que vá para a cadeia



Ney Braga: prevê-se que ele não escapará do plebiscito eleitoral

Carreira do chefe de polícia Ney Braga está perto do fim

Ney Braga deixou no dia 14, o governo do Estado do Paraná e tudo indica, que este será o último dia de mandato político de uma das figuras que se vincularam à história de arbítrio e violência dos últimos 18 anos. Candidato a senador, todas as projeções e pesquisas apontam sua derrota, junto com os demais candidatos majoritários do PDS no Paraná. Encerrar-se-á assim uma carreira política que foi iniciada como chefe de Polícia e manteve-se fiel à origem até o final.

Ney Braga foi deputado federal, governador do Paraná, ministro da Agricultura de Castelo Branco, senador, ministro da Educação de Ernesto Geisel e novamente governador. Em todos esses cargos uma característica comum: o carreirismo, à sombra de uma fidelidade sem limites ao regime de opressão.

FOGUEIRA COM LIVROS

Major do Exército, Ney Braga chegou a general por serviços prestados, embora afastado por mais de vinte anos da carreira militar. Na época do golpe de 1964, era governador, e tratou logo de atear fogo a uma montanha de livros de história e educação, em frente ao Palácio Iguazu, sob alegação de que eram subversivos.

Porta-voz do anticomunismo

mo mais raivoso, aproveitou para tornar-se também sócio indireto de empresas de capital estrangeiro e do grande monopólio Bradesco-Atlântica-Boa Vista. Como ministro da Agricultura, favoreceu a penetração das multinacionais no campo. Como ministro da Educação, privilegiou a política de privatização do ensino.

UM SONHO SE DESVANECE

Ex-dirigente do Partido Democrata-Cristão e pretense moralista, nem por isto, o general Ney Braga esqueceu seus parentes. Todos são altos funcionários do Estado. Este comportamento se estende aos amigos e colaboradores, estabelecendo uma política de clientelismo que valeu a Ney Braga a condição de cacique do PDS no Paraná.

Mas suas pretensões são mais altas. Por três vezes, o general Ney Braga tentou a indicação para a presidência da República. Um sonho que ainda acalenta, mas que está cada vez mais distante, pois já não tem a seu favor nem mesmo a imagem de grande nome eleitoral. A carreira do chefe de polícia está no fim, às vésperas de ser enterrada pelo voto da oposição.

(Fábio Campana, Curitiba)

Jogada da "dupla dinâmica" racha PDS mineiro

O PDS mineiro parece irremediavelmente dividido depois da indicação de Eliseu Resende para candidato ao governo do Estado. Afinal, o ministro dos Transportes de Figueiredo até a semana passada jamais ganhou uma eleição.

O governador Francisco Pereira não gostou de retirar seu candidato, o prefeito de Belo Horizonte. O ministro Abi Akel, também de olho no Palácio da Liberdade, gostou menos ainda. E o senador biônico Murilo Baduró, da ala do ex-PSD, já enviou até um telex a Figueiredo, dizendo que não desiste de ser candidato. No

dia 16 ele visitará o último dos 722 municípios de Minas Gerais, concluindo uma campanha que arrasta consigo boa parte das bases do PDS. É difícil uma previsão de quem ganhará a Convenção que vai decidir a disputa.

A "DUPLA DINÂMICA" A candidatura Eliseu foi imposição da linha dura do Planalto, e faz parte da articulação para transformar o coronel Mário Andreazza em sucessor do general Figueiredo. Eliseu Resende foi diretor do DNER quando Andreazza era

ministro dos Transportes. Foi ele quem construiu as faraônicas obras do governo Médici, a Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói. Eliseu e Andreazza fazem um par tão perfeito que tornaram-se conhecidos como "a dupla dinâmica".

Dinâmica mas não honesta. Na sua gestão, o Tribunal de Contas da União constatou, por exemplo, um desvio de dinheiro público para mobiliar a residência de Eliseu no Rio. O Tribunal chegou até a multar o atual candidato do PDS ao governo mineiro (Pedro Veríssimo e Rosário Amaral, Belo Horizonte)



Fila para receber nas "emergências": na fase do sertanejo o temor com a desativação e a fome

Governo acaba com frentes e condena o sertão à fome

A *Tribuna Operária* esteve no alto sertão paraibano e viu de perto o drama de milhares de trabalhadores rurais, que o governo está jogando para fora das frentes de emergência. Agora, eles ficarão à mercê da seca verde, sem contar nem com o salário de 5.720 cruzeiros mensais, que freqüentemente significa a diferença entre a vida e a morte. Reunidos, os sertanejos apontam o governo como culpado e a reforma agrária como solução.

A aflição e revolta com a medida se estendem por todo o interior nordestino. No Ceará, 400 mil lavradores estão sendo desativados e já se fez até manifestações de protesto. No sertão da Paraíba, desativação das frentes está a ponto de criar uma situação de calamidade pública.

OBRAS DE DEMAGOGIA
Não que as obras das frentes

beneficiem realmente o sertão. Os operários de Souza, Antenor Alves e Francisco, ouvidos pela *Tribuna*, são unânimes a este respeito. "Principalmente nas secas após 1964 dizem — as emergências só estiveram a serviço dos grandes proprietários e corruptos do PDS. Eles enriqueceram com a calamidade do Nordeste. Não deixaram nenhuma obra de destaque, apesar da



O salário de um "emergencista": 5.720 cruzeiros por mês

Emater, do Denocs, Sidagro e outros órgãos, que segundo o governo têm a finalidade de resolver os problemas do homem do campo. Se corrompe muito e nada se faz".

Hoje, os trabalhos das "emergências", como são chamadas as frentes, são coordenados pelo Denocs, em São Gonçalo, pela Emater, em Souza, e até pelo Exército, como em Cajazeiras. Mas ninguém ataca de frente os problemas de fundo da seca.

EM 82 A SECA É VERDE

A tragédia da desativação das frentes resume-se num fato: os trabalhadores recebem ali 5.720 cruzeiros por mês — e muitas famílias do sertão dependem exclusivamente deste dinheiro para sobreviver.

Na Paraíba, como em outros Estados, a situação é das piores. As chuvas chegaram a partir de 15 de abril. O sertão está todo verde. Mas as lavouras de milho e arroz estão perdidas. Do feijão e do algodão ainda pode se salvar alguma coisa, menos da metade do que foi plantado, que já era pouco. É o que se chama de "seca verde".

Mas só porque houve três semanas de chuva a Sudene põe em prática a desativação das "emergências". E o sertanejo fica se perguntando como vai viver se as chuvas não deram para produzir nada.

Patrício Pires, comerciante e candidato a prefeito da cidade de Cajazeiras, declara: "Sou radicalmente contra a desativação das emergências. Isto vai aumentar o êxodo, a marginalização, a fome, o desespero. O camponês, que já não tinha o que comer com o salário de 5.720 cruzeiros, hoje vai ficar só com o cheiro da comida dos ricos". Raimundo Germano, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São José da Lagoa Tapada, considera a desativação "um absurdo e um crime". E explica: "Com o salário da emergência o pai de família já está vendo os filhos chorando com a falta de alimentos. Sem esta migalha, ele vai morrer de fome".

CORRUPÇÃO DA GROSSA

Outro lado do problema é a corrupção. Comenta-se em todo o sertão que o governador da Paraíba, Tarcísio Buriti, recebe o dinheiro da emergência e gasta com seus compromissos com o PDS. O resultado é o atraso do já minguado salário do emergencista. João Menezes, cortado da emergência em Souza, declara que o pagamento atrasa até dois meses e atualmente faz um mês e meio que não é pago.

Há também muitos casos de pessoas inscritas na "emergência" que não trabalham e dividem o seu salário com o apontador. Um trabalhador inscrito na frente de Cajazeiras, que não quis citar o nome, relacionou vários casos deste tipo: Paulo de Souza, funcionário da prefeitura da cidade; um indivíduo conhecido como Piau, aposentado da Prefeitura; João Pereira, servente do grupo escolar do Sítio Arara. Todos são do PDS. E até soldados que dão guarda no local de pagamento embolsam também seu dinheiro. José Braga, conhecido por Braguinha, grande comerciante local e aposentado com mais de 15 salários-mínimos, foi cortado da "emergência porque seu caso estava escandalizando demais". (da sucursal de João Pessoa)

Greve vitoriosa em Paulo Afonso

Foi vitoriosa a greve dos 620 operários da Construção Civil da cidade de Paulo Afonso, no interior da Bahia. O movimento começou no dia 27 de abril e durou 12 dias. Conseguiram uma ajuda de custo de 1.600 cruzeiros até novembro, não demissão dos grevistas, pagamento integral dos dias parados, fardamento e melhoria na comida.

Os operários trabalham na empreiteira ENESPE (Empresa Nobre de Serviços e Segurança Patrimonial Ltda.) e na Construtora Ismar Nobre. As duas empresas são contratadas pela CHESF e por isso os operários estão lutando pela equiparação salarial com os trabalhadores da CHESF.

Sinivaldo Pereira da Silva, membro da comissão de greve e participante ativo da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Paulo Afonso, declarou à *Tribuna Operária* que "o pessoal parou desde o dia 27. Depois de negociações com as empreiteiras, tivemos

somente respostas negativas. Daí realizamos uma grande assembléia no dia 26, que contou com a presença de 500 pessoas, e decidimos, por esmagadora maioria, entrar em greve no dia seguinte. Depois, realizamos outra assembléia, com mais de 600 trabalhadores, e verificamos que estava tudo parado. Com por cento da categoria, Carpinteiros, pedreiros, jardineiros, encanadores, serventes, ajudantes de serviço, pessoal de serviço do Hospital Regional, que é da CHESF e o pessoal de manutenção das usinas."

A greve contou com o apoio de várias categorias, através de seus sindicatos: os metalúrgicos de São Bernardo do Campo, os metalúrgicos de Recife, Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Médio São Francisco, Unidade Sindical da Bahia, Sindicato dos Eletricitários da Bahia e várias outras entidades e associações. As empresas tiveram que satisfazer parcialmente os operários porque, estes estavam unidos e dispostos a não voltar ao trabalho. (Da sucursal)



Conclat 81: suas deliberações correm perigo

Adiamento do Conclat tem que ser repudiado

Em sua última reunião, a Comissão Executiva da Pró-CUT decidiu consultar os sindicatos brasileiros sobre o adiamento do Congresso dos Trabalhadores para o próximo ano. A resposta será analisada numa reunião no dia 5 de julho — pouco mais de um mês antes do início do Congresso, já marcado para 27 de agosto próximo. A Pró-CUT marcou, também, um ato de protesto nacional contra o Pacote da Previdência, dia 2 de junho, às 11 horas, na rampa do Congresso Nacional, em Brasília.

A "consulta" da Pró-CUT indica que, na prática, essa comissão, eleita por mais de 5 mil sindicalistas na Conferência das Classes Trabalhadoras no ano passado, pretende passar por cima da deliberação das mais de mil entidades sindicais presentes, de realizar neste ano o Congresso dos Trabalhadores. Sintomático é o fato de uma decisão tão importante ser tomada numa reunião da executiva da Pró-CUT, e não em sua plenária — que congrega todos os sindicalistas eleitos na Conclat.

UNIDADE PARA A LUTA

As últimas manifestações e mobilizações dos trabalhadores têm colocado cada vez mais a necessidade da unidade de luta para a classe operária. A resposta energética ao desemprego, à carestia de vida, ao arrocho salarial, ao Pacote da Previdência, e a tantos outros problemas, coloca na ordem do dia a necessidade do Congresso dos Trabalhadores.

A classe operária não tem se intimidado pela opressão e repressão de que é vítima. Greves como as da Cimetal em Minas; dos metalúrgicos gaúchos no Pólo Petroquímico e cariocas em Niterói; o quebra-quebra na Coferraz e as atuais greves de professores em Goiás, Bahia e Acre e dos metalúrgicos em São Bernardo, demonstram a combatividade dos trabalhadores. Também no campo, continuam as manifestações de trabalhadores rurais, com mobilizações exigindo terra para quem a trabalha, como em Ronda Alta, Rio Grande do Sul; exigindo a posse da terra, como no Sul do Pará, etc.

Ao mesmo tempo, o ano eleitoral tem atraído mais e mais os trabalhadores para a política. O funcionalismo público em greve, em São Paulo, decidiu em assembléia conjunta a realização de campanha contra o PDS. Os atos do Dia do Trabalhador, 1º de Maio, foram unânimes, de norte a sul do país, na condenação ao regime militar anti-

povo e anti-nação. E uma das palavras-de-ordem que ecoaram em todo o país no 1º de Maio foi a da Conclat-82.

MEDO DA MOBILIZAÇÃO

Em contraposição a esse processo de luta dos trabalhadores, a Comissão Pró-CUT, imobilista e cupulista, tem-se perdido em reuniões burocráticas, onde são tiradas decisões de gabinete, nenhuma encaminhada a contento, até o momento. O que a Pró-CUT fez para o Dia Nacional de Luta, 1º de Outubro de 81? Contra o Pacote da Previdência? E a divulgação massiva das decisões da Conclat? E o 1º de Maio unitário a nível nacional? E a solidariedade às greves que pipocam pelo país? A solidariedade aos operários da Coferraz? etc, etc...

Dentro da Pró-CUT atuam correntes políticas que querem somente manter posições e garantir sua direção no movimento sindical. Correntes que temem a mobilização dos trabalhadores, que negam-se ao enfrentamento com o regime militar, com os patrões e o governo que os representa. Organizam e articulam reuniões nacionais de suas correntes sindicais. Mas não atuam para a realização neste ano do Congresso dos Trabalhadores.

O Congresso dos Trabalhadores deve ser realizado este ano, conforme a deliberação soberana da 1ª Conclat. Nele, os trabalhadores devem se posicionar sobre a situação internacional, sobre os problemas que vive o Brasil hoje, e tirar um plano de lutas para sua mobilização unitária e nacional. Não há dúvida que, no atual nível de liberdade e organização dos brasileiros, pode-se discutir se é hora ou não de já formar uma CUT. Mas isto deve ser visto na preparação do Conclat e no próprio Congresso. O fundamental é que os trabalhadores tenham uma organização unitária, que congregue todas as correntes atuantes do sindicalismo, e que leve à prática as decisões dos trabalhadores.

Maluf e Reynaldo prendem estudantes por medo das urnas

Novas prisões e perseguições generalizadas às lideranças estudantis. Esta foi a resposta do governador Salim Maluf e do prefeito Reynaldo de Barros às eleições para a diretoria da União Paulista dos Estudantes Secundaristas e União Metropolitana dos Secundaristas de São Paulo.

As eleições tiveram início no dia 11. No interior do Estado houve cidades, como Araçatuba, onde a delegacia de ensino da Secretaria da Educação proibiu que os secundaristas votassem. E na capital de São Paulo até a polícia e a Delegacia de Ordem Política e Social foram chamadas por diretores de escolas.

Mas a reação dos secundaristas não foi de intimidação. Cerca de 350 alunos do período noturno da Escola Caetano de Campos saíram em passeata pela rua Consolação, em São Paulo, protestando contra o arbítrio das prisões e pressões sofridas. E, de volta à Escola, realizaram um ato com a participação de representantes da UNE, UBES e das atuais diretorias da UPES e UMES.

Contudo, está havendo irregularidades também na organização das eleições. A chapa "Chegou a Hora", alegando o desaparecimento de 20 mil cédulas, anunciou sua retirada das eleições. Para as candidatas a presidente da UPES e UMES pela Viração, Marta Maia e Janaína Teles, é necessário continuar participando das eleições. "Vamos apurar as irregularidades. A eleição foi uma deliberação democrática e caberá ao Comitê Eleitoral referendar ou não o resultado, após verificar todos os acontecimentos".

Operários passam dos 100 dias de greve na Cimetal

Os 1300 metalúrgicos da Cimetal, de Barão de Cocais, Minas Gerais, ultrapassaram os 100 dias de greve, uma das mais longas do país. A greve estourou em janeiro deste ano, porque a firma atrasou o pagamento por dois meses e dizia que ia abrir concordata e não tinha como pagar seus salários. Os trabalhadores viviam em grande dificuldade financeira e os armazéns e farmácias não vendiam mais fiado. Muitos estavam sendo despejados de suas casas porque não tinham como pagar os alugueis. Foi infutera a tentativa do Sindicato de entrar em acordo para os patrões pagarem os salários. Diante dessa situação estourou a greve.

Durante estes 100 dias, os trabalhadores estão agindo com união e disciplina. Como a greve foi declarada legal, durante todos os dias os operários entram na fábrica, batem o cartão de ponto e permanecem durante todo o tempo do expediente parados junto às máquinas. As mulheres dos operários também têm uma importante participação. Participam das assembléias no sindicato, levando inclusive os filhos.

Os frutos desta luta já estão sendo colhidos. Dos seis meses de atraso, os operários já conseguiram receber quatro meses e também conseguiram impedir que a Cimetal fechasse as portas. Osmar, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Barão de Cocais, diz que "se não fosse a greve e a mobilização, estaríamos vendo as portas da usina fechadas e levaríamos cinco a seis anos para recebermos o que temos direito". (Da sucursal)

Aumento do ônibus é repudiado pelo povo de São Luís

Poucos dias antes de abandonar a prefeitura, o prefeito Roberto Micleira, de São Luís do Maranhão, concedeu um novo aumento de preço para as passagens de ônibus na cidade. Agora, a menor passagem custa Cr\$ 27,00. O novo aumento que vigora desde o dia 9, causou muita insatisfação à população. Mesmo antes de receber o salário mínimo com aumento, agora a Cr\$ 13.920,00, já está pagando transporte mais caro. Segundo cálculos do Movimento Contra a Carestia, os moradores da periferia vão gastar mais de um terço de seu salário com transporte!

Em vista disso, o MCC promoveu algumas manifestações em bairros de São Luís na semana passada, e está em desenvolvimento um trabalho de mobilização para fazer um grande protesto contra o aumento. No dia 12, o MCC encaminhou uma Carta Aberta ao prefeito, solicitando o cancelamento da majoração e o congelamento do preço anterior das passagens por um ano. Simultaneamente, o vereador Helcio Silva, do PMDB, entrou com um requerimento em que solicita a anulação do aumento ao prefeito. (Da sucursal)

"Nós não queremos o governo que aí está"

Numa reunião do movimento trabalhista do PMDB em Souza com 16 trabalhadores, todos são unânimes em dizer que a saída é a reforma agrária, é irrigar o sertão e dar toda assistência técnica ao lavrador.

Um trabalhador da emergência denuncia a demissão de mais de 1.700 companheiros em São Gonçalo e também outro caso de corrupção: "Se faltamos ao trabalho dois dias no mês, cortam o pagamento de nove dias.

Bosco Amado, vereador opositor de Cajazeiras, aponta que "o governo não dá saída para o problema da seca porque não quer. Ele sabe qual é a saída, mais até o Estatuto da Terra, que ele mesmo fez, ficou só no papel". Já Manoel Tavares, do PMDB jovem, faz questão de sublinhar que a saída é a reforma agrária.

VOTO SÓ NA OPOSIÇÃO

Os participantes da reunião já concluíram que "este

governo que está aí há 18 anos não se pode esperar nada dele". E estão dispostos a se unirem para lutar pelo que é direito do trabalhador. Lembraram que no final do ano passado, 600 flagelados quebraram e saquearam o supermercado da COBAL na cidade, botando a polícia para correr.

Para eles, com a desativação, os camponeses vão votar em peso contra o governo dia 15 de novembro. "Não queremos mais governo buritiano — disse um lavrador — porque buriti é como maxixe, só dá flor à noite. O governo do Burity foi feito nas salas fechadas e escuras dos quartéis, sem nenhuma participação do povo. Nós queremos um governo realmente eleito pelo voto". E a revolta aumenta mais quando se recorda que, num recente comício do PDS em Souza, o ministro da Justiça, Abi Aekel, disse que não há trabalhador do sertão com a barriga vazia.



Na porta do Estaleiro Mauá, o enfrentamento entre os operários revoltados com as demissões e o piquete patronal

Patrões tentam revanche após vitória operária em Niterói

Depois da vitória da greve dos metalúrgicos de Niterói, os patrões tentam a revanche. Sexta-feira, dia 7, o Estaleiro Mauá (CCN) demitiu cem operários. Segunda-feira, quase todos os diretores do Sindicato que trabalhavam ali foram forçados a tirar férias, sob pressão. Todo diretor sindical foi proibido de entrar no estaleiro. Na terça-feira, o clima era de tensão e revolta.

A greve terminou no dia 6 depois que o Tribunal Regional do Trabalho julgou-a ilegal. No mesmo dia, em sessão, os operários resolviam voltar ao trabalho. Voltaram guardando na memória o nome de dois dirigentes patronais, presidentes de sindicatos de trabalhadores mas, que decidiram a votação em favor da legalidade do movimento: Odenir de Almeida, dos comerciários de Niterói, e Francisco Cassiano, da Federação de Hotéis e Similares. Mas não voltaram de mãos vazias: arrancaram dos patrões um índice de produtividade de 6%, o dobro do que era oferecido.

APENAS DOIS PARARAM 800

Isto foi fruto de uma disposição de luta que superou a própria greve de 1979. Em todas as assembleias o inimigo era o mesmo. Nos piquetes,

muitas vezes, dois ou três operários bastavam para explicar aos desavisados que a greve estava em curso. Na Inconav, no primeiro dia, um diretor do Sindicato, o Elmo, e mais um piqueteiro bastaram para impedir que mais de 800 metalúrgicos desorientados furassem a greve. No último dia da paralização, pela manhã, a *Tribuna* percorreu três grandes empresas (Mac Laren, Inconav e Maclaren Anticorrosão) e constatou que em todas, a paralização era geral, mesmo não havendo piquetes.

CADA GREVISTA UMA TAREFA

Foi uma vitória da greve ativa, participante, usando as energias dos operários. Foi também uma comprovação da validade e da necessidade dos piquetes. E as falhas foram justamente no sentido de não ir mais fundo por este caminho. A combatividade da categoria não se transformou em ação concreta desde o início. A palavra de ordem criada pelos próprios metalúrgicos de Niterói — "Uma tarefa para cada grevista" — ainda não pôde revelar todo o seu imenso potencial. Não houve, por exemplo, manifestação de rua para buscar o apoio da população, mas apenas pequenos comandos de venda de bonus para o fundo de greve.

Terminada a paralização, os operários agora resistem com o mesmo ânimo à vingança dos patrões. No Estaleiro Mauá, segunda-feira, um grande número de operários se concentrava na "Praça da Pedra", dentro da empresa. E a disposição era de parar de novo, contra as demissões.

PIQUETE PATRONAL

No dia seguinte, o clima esquentaria ainda mais, com a distribuição de uma nota assinada pela comissão de negociação e pelo Sindicato convocando uma reunião na hora do almoço. Os operários que passavam saudavam os demitidos, acenando com o polegar erguido.

Mas, os patrões também tomaram suas providências. Chamaram tropas da Polícia Militar. E convocaram uns 30 "capacetes azuis" (engenheiros), inclusive o filho do presidente da empresa, Helio Ferraz, para formar um verdadeiro piquete patronal. Ficaram todos perto da porta do estaleiro, barrando a saída dos operários para impedir que se reunissem com a diretoria do Sindicato. As 11:35 horas, uns 120 operários ainda conseguiram furar o bloqueio, mas ao retornarem para convocar os outros foram impedidos de voltar.

(da sucursal)

Em Sergipe um arcebispo grileiro!

Na Fazenda Itacanema, no município sergipano de Nossa Senhora do Socorro, é o arcebispo metropolitano Dom Luciano Cabral Duarte que pratica a grilagem. Cem posseiros, moradores há mais de 20 anos no lugar, são suas vítimas. Um deles, José Rosa, adverte: "Diga a Dom Luciano que o mundo não é dele não. Ele é arcebispo mas não é Deus não".

Os 14 membros da família de José Rosa (dez crianças) cultivam uma área de oito tarefas. "Eu plantei tudo isto aí que você está vendo com o meu suor — diz ele — Isto era tudo nato. Foi um trabalho cansativo, mas consegui".

Os colonos receberam as terras do então arcebispo de Aracajú, Dom Vicente Távora. Antes elas pertenciam a Manoel Cruz, que as doou à Igreja com a condição de que fossem repassadas às famílias pobres. Hoje, a área está repleta de árvores frutíferas e plantações. A valorização foi grande. Resultado: a Fundação Manoel Cruz, presidida pelo arcebispo, resolveu expulsar os lavradores para lotear e vender a Fazenda Itacanema.

USUCAPIÃO NÃO VALE?

Segundo os colonos, a situação vem desde que Dom Luciano assumiu o arcebisado. A Fundação já expulsou vários posseiros, usando inclusive a força.

As pequenas glebas de terra ocupadas pelos colonos possuem cada uma oito tarefas aproximadamente. Os colonos já solicitaram o usucapião, com base na nova lei do usucapião especial, que permite ao posseiro requerer a terra onde mora há mais de cinco anos ininterruptos, desde que mantenha nela sua moradia a torne fecunda e produtiva.

A revolta dos posseiros é maior ainda por ser a Igreja responsável por sua expulsão. Gedalva Santos Sobral, moradora na Fazenda há cerca de dez anos, afirma que não entende como "uma entidade que apregoa a função social da propriedade age



dessa forma contra as classes pobres, em função apenas do lucro".

A posseira acrescenta: "Hoje, eu fico impressionada e sem saber o que fazer com o fato de ter recebido uma carta me dando prazo para retirar-me. E o pior é que já me avisaram que eu não tenho direito a nenhuma indenização". Ela tem no seu terreno fruteiras, mandioca e inhame, entre outras benfeitorias. E denuncia que o arcebispo mandou até colocar uma cerca no rio, para impedir o gado e os próprios posseiros de beber água.

ATÉ A ESCOLA ATACADA

Nos últimos tempos, até a única escola que existia ali foi destruída por ordem da Fundação. Dezenas de crianças ficaram impedidas de estudar e terminaram perdendo o ano.

Agora estão impedindo os colonos de plantar mandioca ou qualquer outro cultivo. O posseiro João José dos Santos relata: "Eu entrei aqui em 1965, moro aqui há 17 anos. Agora estão querendo que eu vá embora. E chegaram ao ponto de pedir que eu parasse de plantar, porque não podia mais". João José, 67 anos, mora com quatro pessoas num barraco que ele mesmo construiu e não sabe como agir: "Se sair — diz — não tenho onde morar".

Jaconias Faustino dos Santos é

outro que não sabe o que fazer. "Eu já vinha com medo — conta ele — porque eles vêm há muito tempo tirando gente daqui. Estão tirando o pessoal aos pouquinhos e depois vendem os lotes". Ele denuncia que "muitos posseiros foram tirados daqui no grito. Veio até soldado fardado, que era motorista do próprio bispo Dom Luciano, para intimidar a todos. Muita gente foi colocada pra fora que nem bicho. Dava pena ver colono com mais de 15 anos que morava aqui, cheio de filhos e sem ter para onde ir, teve de sair daqui corrido porque a Fundação mandou. Depois as tarefas que eram tomadas, cheias de laranjeiras, mangueiras e um monte de frutas, eram vendidas e eles passavam o trator por cima".

O ALVO É O LUCRO

Outra coisa que causa a indignação dos lavradores é a justificativa da advogada do arcebispo, doutora Alba Vasconcelos, de que "as terras estavam valorizando muito e elas teriam que loteá-las". O comportamento da advogada é bastante mal visto. Jaconias Faustino, já com 73 anos, conta que "outro dia Dona Alba disse que eu tinha que sair mas que podia levar minha casa. Vê se tem cabimento! Eu perguntei a ele se ela queria que eu levasse a casa nas costas". (da sucursal de Aracajú)

Polícia tenta impedir ato contra demagogia de Maluf

Tive a oportunidade de presenciar, no dia 8 de maio, mais uma ação repressiva da política paulista. Agentes do Dops detiveram, na Estação do Metrô, uma comissão de sindicalistas e populares que iam protestar contra a festa eleitoreira de Maluf, na inauguração do Terminal Rodoviário do Tietê (ver box ao lado).



Sindicalistas detidos antes de serem jogados no camburão do DOPS

Logo pela manhã vários dirigentes sindicais foram ao Sindicato dos Metroviários, preparar a manifestação de protesto. Entre eles, Paulo Azevedo, presidente do Sindicato dos Metroviários; Oscarino Marçal, presidente da Federação dos Servidores Públicos; Raimundo Rosa, presidente do Sindicato dos Paideiros; Gilberto Natalini, do Sindicato dos Médicos, Ana Martins, do Movimento Contra a Carestia.

A comissão saiu pelo centro da cidade e fez um pequeno comício na Estação Sé do Metrô, antes de embarcar para o Terminal Tietê. Ao sair do trem no Terminal, já havia um esquema policial para impedir a manifestação. Azevedo, dos Metroviários, foi o primeiro a ser algemado. Identifiquei-me como jornalista. "Ah! É da *Tribuna Operária*. Então vai preso também", disse um dos agentes do DOPS.

Gilberto, dos Médicos, teve a pior recepção. "Como é, me conhece?", perguntou a ele um policial. Pois já lhe dei muita porrada", disse, arrogante. Depois, Gilberto comentou comigo que aquele policial o havia torturado nos porões da famigerada Oban, em 1973...

Fui liberado ao conversar com um delegado. Corri chamar outros companheiros da imprensa. Com eles, fui à avenida onde os detidos eram jogados no camburão. O diretor-geral do DOPS, Romeu Tuma, tentou justificar as prisões. Mas, o policial que me deteve na Estação tentou me prender novamente. O próprio Tuma o impediu, mas ao saber que eu era da *Tribuna Operária*, mudou de idéia.

Ao todo, 36 pessoas ficaram detidas por mais de cinco horas. Entre elas, um jovem encarregado de obras que retornava à sua casa. Nem sabia por que estava detido. Mas depois comentou com um sindicalista: "De agora em diante estou com vocês. Essa violência toda é porque vocês estão certos". (Altamiro Borges)

Festa eleitoreira do PDS

Cerca de Cr\$ 70 milhões foram gastos pelo governador de São Paulo, Salim Maluf, para a "festa" de inauguração do Terminal Rodoviário do Tietê. Mas pouco mais de mil pessoas compareceram à palhaçada eleitoral do PDS — muitas crianças obrigadas pelas escolas e alguns metroviários, que tiveram o "incentivo" de ganhar 100% de hora-extra pela presença.

A inauguração, às pressas, do Terminal faz parte da jogada política de Maluf e seu candidato ao governo de São Paulo, Reinaldo de Barros. A partir do dia 15, os dois deixam seus cargos (Reinaldo é o candidato de Maluf para concorrer às eleições de novembro. Na inauguração não faltaram centenas de faixas, bandas e fanfarras contratadas para saudar os políticos do PDS.

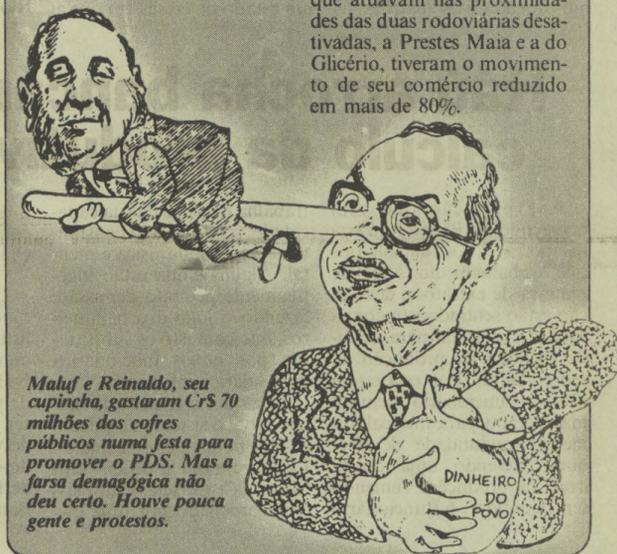
A princípio, o governo

havia adiado por sete meses a inauguração do Terminal, privilegiando o empresário Carlos Caldeira Filho. Mais de 1,5 bilhão de cruzeiros foram consumidos para favorecer o empresário, que teve um faturamento mensal da ordem de 100 milhões de cruzeiros neste mesmo período.

De repente, com a desincompatibilização, veio a pressa. E com ela, a má administração. O próprio Terminal já se mostrou insuficiente para a população paulista. Mal construído, nos primeiros dias de utilização formaram-se filas de até 150 metros dos usuários que não tinham táxi e nem carregadores para suas bagagens.

AUMENTOU O DESEMPREGO

Também aumentou o desemprego. Milhares de pequenos e médios comerciantes que atuavam nas proximidades das duas rodovias desativadas, a Prestes Maia e a do Glicério, tiveram o movimento de seu comércio reduzido em mais de 80%.



Maluf e Reinaldo, seu cupincha, gastaram Cr\$ 70 milhões dos cofres públicos numa festa para promover o PDS. Mas a farsa demagógica não deu certo. Houve pouca gente e protestos.

Chantagem dos governadores não dobra docentes em greve

Os primeiros a entrar em greve foram os professores goianos, no dia 16 do mês passado. Em seguida foram os acreanos e baianos, apesar da chantagem dos governadores. Sua luta é salarial, mas também contra a dramática falta de verbas para a educação, que deixa escolas alagadas quando chove e alunos obrigados a assistir aula sentados no chão.

Em Goiás, a semana iniciou com 15 mil docentes parados em todo Estado, segundo a estimativa do Centro de Professores Goianos (CPG). Mais de 500 mil alunos estão sem aulas.

O governador Ary Valadão continua intransigente: não aceita sequer receber os professores. E ainda partiu para uma jogada suja, tentando criar uma entidade paralela à CPG. No início de maio, alguns colégios de Goiânia voltaram a funcionar. Mas logo no dia 5, uma assembleia geral com mais de 2 mil professores deu novo impulso ao movimento, inclusive nos colé-

gios que haviam voltado às aulas.

No dia 8, o CPG divulgou uma carta aberta aos alunos e pais, explicando as razões do movimento. "A greve continua — diz a carta — A mobilização a cada momento cresce, numa demonstração inequívoca de conscientização e coesão. Toda a comunidade goiana, através de suas mais representativas associações, está totalmente solidária ao Movimento de Valorização dos Professores. A greve continua, para a vitória do direito".

"A.C.M. ESTÁ DEBOCHANDO"

Na Bahia, quando a greve chegou ao terceiro dia, o governador Antonio Carlos Magalhães (A.C.M.) divulgou um reajuste de 80% sobre os salários atuais, e apostou que a greve terminaria. Mas se deu mal, como explica a professora Maria José Rocha Lima, da Associação dos Professores Licenciados da Bahia: "Depois da publicação do 'aumento' a greve se ampliou, com muitas adesões tanto na capital como no interior. É

grande a revolta com o reajuste concedido, de apenas 80%. O governador está debochando dos professores".

No quinto dia de greve, 90% das escolas da capital estavam paralizadas. E também as de Irecê, Caetité, Alagoinhas, Guanambi, Itaberaba, Paulo Afonso, Santo Estevão, Mundo Novo e Jequié, tendendo a alastrar-se também para Feira de Santana e Vitória da Conquista.

REPRESSÃO INTENSA

Como de costume na Bahia, a repressão tem sido forte. Os diretores das escolas ameaçam expulsar os alunos que apoiam a greve e mandar para a Secretaria da Educação a lista dos professores grevistas. Chegam a fazer reuniões onde coagem todos os professores presentes a votar contra a greve. Um estudante foi preso quando distribuía notas de apoio ao movimento. Na cidade interiorana de Itaberaba, o prefeito, o vice-prefeito e vários políticos, todos do PDS, chegaram a formar uma comissão para ir de casa em casa ameaçar os professores.

O governo também deflagrou uma verdadeira campanha de mentiras contra a greve — especialidade de Antonio Carlos Magalhães. Começou dizendo: "Vou dar o maior aumento do país"; afirmou a seguir: "A greve não existe"; e arrematou com esta: "O professorado está satisfeito com este governo". A greve, porém, continua firme. (das sucursais de Goiânia e Salvador)

A situação dos professores da rede municipal de Salvador

Níveis	Salário em maio de 1982	Proposta do governo	Reivindicação dos professores
1	14.400,00	18.856,00	38.961,00
2	14.400,00	21.718,00	45.314,64
3	14.400,00	23.653,00	51.788,16
4	14.950,00	26.490,00	66.419,52
5	16.445,00	29.688,00	77.142,78



Empregada doméstica tem vida de escrava

Somos 35 empregadas domésticas e estudantes no supletivo noturno do Colégio São Vicente, mas ficamos aqui por todas as domésticas do Rio de Janeiro, com seus muitos problemas de vida profissional e pessoal.

Apesar do salário fixo, não temos horário, feriado, sábado nem domingo. Algumas não têm folga semanal. E de todas nós só três ganham salário mínimo. Muitos patrões não assinam carteira nem pagam INPS. Não nos deixam estudar, pois com instrução fica mais difícil nos explorar.

Temos que trabalhar mesmo doentes. Os patrões às

vezes tentam se aproveitar de nós. Não somos chamadas pelo nome — as patroas dizem "a minha empregada...". As negras não conseguem emprego em qualquer casa. Trabalhamos desde os 14 ou 15 anos, perdemos emprego quando ficamos grávidas e, além de não ter apoio das patroas, não temos creche onde deixar nossos filhos. Em resumo, somos totalmente exploradas. Alguns, com mais dinheiro, acham que podem tratar as pessoas como objetos.

Uma minoria quer manter um estado de coisas em que a

maioria tem o papel de escravos. Em especial nós, empregadas domésticas, que temos ainda menos direitos legais que quase todos os trabalhadores. Por exemplo: não temos aviso prévio, 13º salário, hora-extra, nem fundo de garantia.

Mas somos fortes, somos gente e começamos a lutar, pois o povo brasileiro sempre lutou. Sabemos que é necessário nos organizarmos, participar da nossa Associação e criar um sindicato da categoria. (domésticas do Supletivo São Vicente, amigas da TO - Rio de Janeiro)

Itaú arrocha bancários no cálculo da produtividade

A exploração que vem ocorrendo no Banco Itaú está insuportável. Os funcionários que trabalham no setor de remessa de extratos e devolução estão sentindo isto com a equação utilizada para calcular o índice de produtividade do seu trabalho. Por esta equação, o funcionário demora mais tempo para intercalar a mesma quantidade de cheques, havendo uma queda irreal na produção. Temendo ser demitido, o funcionário

trabalha o dobro da sua capacidade, sendo levado constantemente à estafa física e mental. Alguns ainda estão ingenuamente pedindo demissão, fazendo o jogo dos banqueiros, que com isto os substituirão por novos funcionários com salários inferiores.

Qualquer iniciativa de opinar sobre o sistema de cálculo é reprimida pelos chefes. Eles dizem que a ordem vem "de cima", ou seja, é um sistema ordenado por uma das

diretorias do banco que tem como presidente o doutor Olavo Setúbal.

Como alguém já disse, "o modo mais simples do capitalista obter a mais-valia é ou aumentando a jornada de trabalho ou forçando o aumento da produtividade". Isto leva o terceiro aniversário do seu governo, só que o presente que ganhamos foi de ameaças.

Estamos sofrendo as ameaças do grileiro e da polícia, mas estamos organizados e unidos para enfrentar a "justiça". O Antonio não teve vergonha e procurou dois companheiros

Chefe da obra embolsou os 20 mil do pedreiro

Amigos, eu quero alertar sobre a Monte Azul Comércio Agrícola, sediada na Rua Tenente Negrão, 208, Itaim Bibi, São Paulo. Olha, eu entrei lá dia 10 de março. Trabalhei 21 dias, serviço pesado — a gente pegava guias de 110 a 120 quilos, e o encarregado fazendo pressão, dizendo que eu tinha prazo para entregar a obra. Com isso eu fiquei doente.

Fui para o seguro, fiz tratamento 14 dias. No dia do vale veio uma migalha. Por 21 dias trabalhando, e sendo pedreiro, recebi 3 mil cruzeiros. Voltei a trabalhar, mas só por cinco dias. A coluna começou novamente a incomodar. O INAMPMS meu deu três dias para tratamento.

Voltei a trabalhar até dia 26 de abril,

quando me demitiram. Fui receber a quitação, era para ser Cr\$ 50.023,00 mas me pagaram só 30 mil. Fui obrigado a assinar folhas em branco, pois o chefe do escritório, um tal Pereira, me ameaçou. O resto do dinheiro ficou para o Pereira.

Tem pessoas lá que com três meses recebem 8 mil cruzeiros e está encerrado o papo. Acho que está na hora de acabar com esta pouca vergonha, esta maldomadia. Não sei onde está o Murilo Macedo que não vê o comportamento dos patrões, que pisam os fracos.

Meus parabéns aos metalúrgicos de Niterói. A união faz a força! (V.A.P. — Osasco, São Paulo)



Prefeito de Aracaju envolvido na grilagem

Mais de 25 famílias da favela da Coroa do Meio, em Aracaju, estão ameaçados de expulsão pelo grileiro Antonio Rodrigues Ramalho. O grileiro chegou ao local com a polícia e um mandato de segurança expedido pelo juiz Aloisio Abreu — já conhecido por suas peripécias — dando um prazo de 24 horas para evacuação da área. O delegado João Oliveira — o mesmo que reprimiu a greve dos operários no Augusto Franco, prendeu a documentação dos favelados e mandou que eles arramassem "um advogado não político".

Como disse um morador, ele queria que a gente arranjasse um que enrolasse a gente, para dar a terra ao prefeito. O prefeito prometeu a posse para todos, no terceiro aniversário do seu governo, só que o presente que ganhamos foi de ameaças.

Estamos sofrendo as ameaças do grileiro e da polícia, mas estamos organizados e unidos para enfrentar a "justiça". O Antonio não teve vergonha e procurou dois companheiros

nossos, prometeu um lote para cada um em troca deles testemunharem contra nós. Só que ele quebrou a cara. Aqui são todos unidos, desde o cerco que o prefeito fez contra a gente em 1980.

A jogada do prefeito é clara. Está usando o grileiro como testa-de-ferro para depois ele dividir tudo com a Construtora Sergimóveis, do cunhado do Heráclito, para construir prédios para a elite.

Além deste problema, nós vivemos como bicho, sem água e sem luz. Isto é uma falta de humanidade e também uma humilhação com pessoas que são cidadãos brasileiros. O grileiro está cortando arame e derrubando cerca dos barracos de feição. Ameaçam alguns companheiros nossos de morte. Ele vai todo dia tomar cafezinho na casa do prefeito Heráclito para tramarem quais serão os próximos golpes. Mas nós continuaremos a luta até a nossa morte. (moradores do Lamarão — Aracaju, Sergipe)

Professor fura-greve com revólver em punho no Ceará

A greve da Universidade Federal do Ceará trouxe à tona a figura de um professor do curso de Economia — Denizard Macedo — que coagia seus alunos a assistir as aulas. Um grupo de 50 estudantes foi à sala do professor assegurar a continuidade da greve, mas ele trazia escondido um revólver sob o paletó e sacou da arma, ameaçando-os. Este atentado foi denunciado em assembleias e numa passeata levada a efeito no dia seguinte.

Um dos diretores do Centro Acadêmico de Economia, que partici-

pou do enfrentamento, profundamente visado pelo professor, recebeu intimação para comparecer à Polícia Federal. Alguns estudantes que foram com ele em solidariedade foram chutados na calçada pela polícia, depois de ouvir vários insultos de um policial.

Sabe-se que tudo isto faz parte da estratégia de intimidar os estudantes. Mas eles não conseguirão, pois estamos unificados nacionalmente na luta pelo ensino público e gratuito. (um estudante da UFC — Fortaleza, Ceará)



Na porta do estaleiro Ishikawajima a multidão: "uma gota no mar do desemprego"

Na foto do metalúrgico uma amostra do desemprego

Sou metalúrgico de Niterói. Sou casado, tenho três filhos, estou desempregado há dois meses. Há uns dias fui procurar serviço no Rio de Janeiro, na Ishikawajima (Ishibras) e resolvi levar minha máquina fotográfica. Quando cheguei lá, tinha uma imensidão de operários procurando

emprego em algumas das empreiteiras. Tirei estas fotos para que os companheiros e o povo em geral tenham uma idéia.

Isto é apenas uma pequena gota no mar do desemprego. (um colaborador da TO — Niterói, Rio de Janeiro)



fala o POVO

Vejam que bom exemplo deram estas companheiras domésticas do Rio de Janeiro. Reuniram-se no curso supletivo onde são alunas, num total de 35, discutiram os seus problemas e escreveram uma carta denunciando a vida de escravas que levam.

É com alegria que publicamos uma carta assim, fruto de uma vontade coletiva. A união faz a força, e isto vale também para as denúncias que publicamos. Elas têm mais peso e poder quando são muitas as assinaturas que a sustentam.

O doutor é advogado dos trabalhadores ou de quem afinal?

Doutor Leônidas, advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aruanã. Sinto a dor da traição. Sinceramente eu não pensava que o senhor tinha o coração assim mau! Para trabalhar como advogado dos trabalhadores rurais de Aruanã não serve, enquanto eu for presidente. Porque o senhor deixou de atuar em defesa dos trabalhadores.

Domingos Bispo, um trabalhador, viveu dois anos passando miséria, noites sem dormir dentro de uma canoa, passando fome, arriscando sua vida, para não faltar com seu compromisso. O patrão prendeu sua carteira de trabalho por mais de 18 meses. Doutor Leônidas, Domingos tinha 27 meses de serviço, ficou seis meses sem receber, e agora só recebe 90 mil cruzeiros. E agora eu pergunto: por que motivo o senhor ainda me diz que é advogado dos trabalhadores? (Antonio Brasil dos Santos, presidente do Sindicato de Aruanã — Goiás)

Assistente social tem que estar do lado dos oprimidos

Sou estudante de Serviço Social e acredito muito na minha profissão. Hoje, embora nas escolas prevaleça a maneira de abordar da classe dominante, precisamos manter o princípio de que **nosso compromisso não é com os patrões e muito menos com o governo**. Nossa visão e prática devem ser de exigir um serviço social vinculado aos interesses dos trabalhadores, que formam a nossa clientela.

Quero deixar aqui o meu total repúdio aos assistentes sociais do Estaleiro Renave (Niterói) e da Eries (São Paulo). No primeiro caso, um operário morreu eletrocutado e o assistente social tentou abafar o crime. No segundo o profissional não dispensou os trabalhadores para doar sangue ao filho de um operário.

Para finalizar, gostaria que os operários fossem também fiscais desses maus assistentes, denunciando cada caso não só na **Tribuna Operária**, mas também aos Conselhos Regionais de Assistência Social. (Guida, Universidade Católica — Salvador, Bahia)

Apelo de operário: Lute, brasileiro meu amigo, lute!

Ó meu amigo brasileiro, Como dói-me ver-te sofrer. Porque és tão submisso à crueldade do Poder?

Que está acontecendo contigo Desafiavas teu peito à própria morte,

E agora calaram-te a boca, Vendaram-te os olhos, Taparam teus ouvidos.

Ó meu amigo brasileiro, Esqueceste que és filho deste solo? Esqueceste que tens direitos?

A trabalhar, residir, comer...? Sinto-me revoltado, Quando vejo-te pendurado, Num comboio da FEPASA.

Pois sei que voltas cansado, Do trabalho para casa. Sei que estás mal nutrido, Pois teu rosto abatido.

Tua vida fotografa. Já não mostras esperanças, Pois teus sonhos de criança, Foram todos consumidos. Por isso peço que lutes, Que aguce teus ouvidos, Que dê liberdade à tua voz, Brasileiro meu amigo, (P.S., metalúrgico, São Paulo)

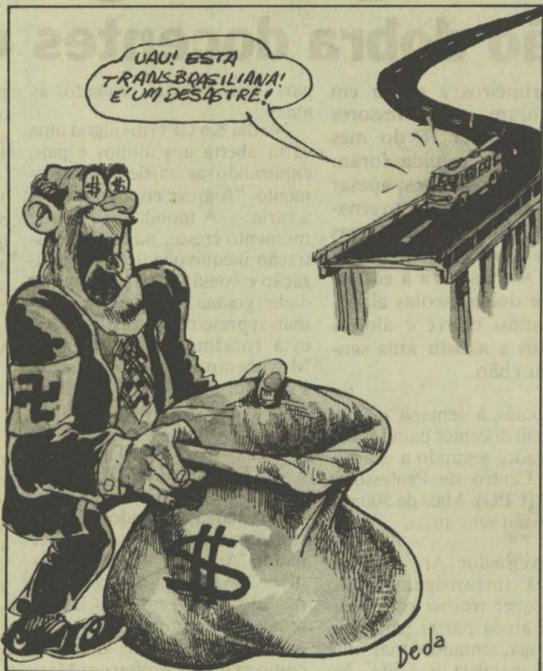
Na Transbrasiliana motorista tem jornada de 16 horas sem hora-extra

Vejam até que ponto vai a imaginação dos sangue-sugas que usam o poder capitalista para escravizar os trabalhadores. Sou funcionário de uma empresa de transporte coletivo por nome Transbrasiliana, na função de motorista. Esta empresa vem exigindo dos empregados do volante jornadas de 12 a 16 horas por dia, sem folga aos sábados, domingos e dias santos e sem nenhuma remuneração pelas horas-extras.

Ela usa o mais autêntico abuso de poder capitalista, ditadura da grossa, como se estivéssemos em pleno território nazista, em campo de guerra, recebendo ordens de um segundo Hitler — o chefe geral de transportes por nome Bento dos Santos, figurão que dita as normas.

Como se não bastasse esta empresa, na ânsia de inchar os seus lucros, se nega a pagar notas de despesas na estrada, até para o conserto de viaturas para prosseguir viagem e levar seus passageiros ao destino.

Quando um motorista retorna de uma viagem, mu-



tas vezes é solicitado para iniciar outra, quase na mesma hora. E se diz não agüentar eles convidam a pedir a conta,

com o maior desrespeito a vidas humanas e ao trabalhador. (J.P. - Araguaína, Goiás)

Pilmecc enrola os filhos dos bóias-frias

Os menores, na maioria filhos de bóias-frias e desempregados, são os maiores vítimas do órgão chamado Pilmecc na cidade de Rancharia, São Paulo. O Pilmecc tem dois núcleos na cidade, um no Jardim Primavera e o outro na Vila Teresa. Sua função é dar assistência na área de alimen-

tação, higiene e saúde, mas ele não funciona devido à falta de verba.

O núcleo do Jardim Primavera funciona numa casa velha de madeira; o de Vila Teresa, num vestiário de campo de futebol. As monitoras têm um salário de fome — 4 mil cruzeiros —, sem direitos

trabalhistas. E está fazendo três meses que não recebem.

Estes órgãos são manipulados pelos políticos do PDS, que visam manter-se no poder dando migalhas para o povo, para encobrir a exploração a que ele está submetido. (A.A.T. - Rancharia, São Paulo)

Petistas queimam bandeira do PC do B

No 1º de Maio — dia em que os trabalhadores saem às ruas para protestar contra este regime de exploração e miséria — militantes do PT queimaram uma bandeira do Partido Comunista do Brasil, em São Bernardo, mostrando um sectarismo sem tamanho.

Osmar Mendonça, sindicalista da região, presenciou o fato e saiu em defesa dos comunistas, dizendo que eles tinham direito de levantar a

bandeira do seu partido. Neste mesmo dia, a polícia apreendeu duas outras bandeiras do PC do Brasil.

Isto nos leva a pensar que o PT está mais preocupado com os verdadeiros combatentes da causa operária do que com este regime que há 18 anos massacra a classe operária e todo o povo em geral. (operários do ABC — São Paulo)

O povo de Embu quer pôr fim ao malufismo

Nós, moradores do município de Embu, São Paulo, vivemos na carne as injustiças de um governo corrupto e usurpador dos direitos do povo.

Como exemplo, temos a construção do ginásio municipal de esportes. O prefeito Joaquim Matias de Moraes, (Quinzinho) colocou seu nome na obra. Nós entendemos que o ginásio, construído com dinheiro do povo, é do povo, e se tem que colocar um nome, que não seja de elementos que fazem autopromoção com os bens da comunidade.

No nosso município não existe uma maternidade. As mães têm que se deslocar 30 quilômetros, até São Paulo. Muitas perdem os filhos, até por falta de transporte. O que mais nos revolta é que, enquanto reivindicamos melhoramentos no setor de saúde, o prefeito constrói um grande cemitério para satisfazer seus próprios interesses imobiliários. É a revolta também é grande quando a gente sabe que defunto pobre não tem direito de ser enterrado no cemitério que pagou para construir.

Triste também é o transporte

coletivo, semimonopolizado pelo vice-prefeito, do PDS, José Marques Padilha. Até hoje esperamos uma linha de ônibus para o centro de São Paulo, prometida pela atual administração.

Conclamamos todo o povo a que se una em torno da oposição, para pormos fim a este regime militar e seus agentes enganadores, e nas eleições de 82, impor uma frágil derrota aos candidatos do PDS. E temos um recado aos trabalhadores do Nordeste: as ambulâncias que o Maluf vem distribuindo por aí estão em falta aqui na Grande São Paulo; e temos certeza de que se nos enganarmos com as ninharias deste biônico também vocês serão vítimas do malufismo. Nós, que temos esta peste aqui em São Paulo podemos afirmar que malufismo é sinônimo de corrupção, entreguismo, ladroagem, repressão e exploração.

Esta carta expressa a angústia de um povo que vive iludido com as promessas do governo e hoje se une para defender seus direitos. (12 moradores dos Jardins Santa Teresa, Castilho, Santo Eduardo e São Marcos — Embu, São Paulo)



Pelegos e nazistas irão para o tribunal do povo

No número 67 da TO foi publicada uma denúncia de um companheiro contra a indústria química Hoechst, de Suzano. O companheiro, que teve a ousadia de fazer isto, está sendo pressionado pelos nazistas da Hoechst e até pelo secretário do sindicato. O referido sindicalista esteve nos Estados Unidos uns tempos atrás, com todas as despesas pagas e mais o seu salário integral no fim do mês. É lógico que ele comece agora a pagar

a sua dívida. Mas não às custas de um companheiro!

Desgraçadamente, este pelego está se candidatando a prefeito da cidade, e é pela oposição (?). O financiamento, logicamente, terá a mãozinha da Hoechst. Mas o fim deste sistema pode estar bem próximo, e os pelegos junto com seus amigos nazistas terão o que merecem — o tribunal do povo. (um oprimido da Hoechst, amigo da TO — Suzano, São Paulo)

Prefeito biônico pressiona os funcionários da Comgás

O prefeito de São Paulo, Reinaldo de Barros, usou seu cargo até o fim para fazer suas demagogias e para levar gente em suas solenidades usa métodos sujos. Um exemplo foi o que ocorreu com alguns funcionários da Comgás. No dia 1º de abril, quatro funcionários da Comgás da rua Augusta tiveram os

nomes anotados para comparecerem à solenidade da visita de Reinaldo de Barros na sede da Comgás, no Brás. E na manhã do dia 27 de abril os quatro funcionários tiveram que ir, contra a sua vontade, homenagear a visita do prefeito biônico. (M.A.F., São Paulo, SP)

Arbítrio na Associação do Parque Bolonha

O Parque Bolonha, na Zona Sul de São Paulo, é um bairro totalmente abandonado, sem asfalto, mas habitado por uma grande população. Conta apenas com um barracão de madeira onde funciona uma escola estadual, insuficiente para o número de crianças que precisam estudar.

O presidente da Sociedade Amigos de Bairro é um dos proprietários da área do mesmo. E não gostou quando alguns moradores saíram procurando a solidade

dos vizinhos para resolver seus problemas. Numa reunião, o presidente pediu que o morador João Sebastião Ferreira se retirasse. Sebastião protestou dizendo que a luta do povo não tem dono e recebendo o aplauso até do vice-presidente da entidade, Manoel Gomes de Carvalho. Uma pessoa que não quis se identificar, confidenciou a Sebastião a parcialidade do dono do loteamento junto à Prefeitura. (S.F. — Santo Amaro, São Paulo)



A seleção inglesa, em vias de ser envolvida nas jogadas colonialistas de Thatcher.

Não é justo usar a Copa na guerra das Malvinas

O entrevisto "patriótico-chauvinista" protagonizado pela Argentina a Inglaterra na disputa violenta pela posse das Ilhas Malvinas, promete estender-se aos campos esportivos. Os dois países ameaçam boicotar a Copa do Mundo da Espanha. O esporte é patrimônio do povo, e somente isto bastaria para isentá-lo das maquinações da ditadura militar argentina e do colonialismo decadente britânico. Porém, num episódio repleto de traições como este, é bem provável que o desprezo à ética também se manifeste no esporte, privando a participação das seleções da Argentina, Inglaterra, Escócia e Irlanda no campeonato mundial.

Caso se confirme o boicote, não será a primeira vez que governos militares e imperialistas utilizarão o esporte como arma de propaganda e pressão em favor de seus interesses. Nas últimas Olimpíadas, por exemplo, os Estados Unidos recusaram-se a participar das competições, em Moscou, liderando um boicote usando como pretexto a invasão do Afeganistão pela União Soviética.

Existem casos também em que o boicote é utilizado como meio de protesto. Nas Olimpíadas de 76, realizadas em Montreal, diversos países africanos desistiram de sua participação, protestando contra a presença da Nova Zelândia, que mantinha intercâmbio com a África do Sul,

governada por um regime declaradamente racista. A União Soviética foi eliminada da Copa de 74 por ter se recusado a jogar no Estádio Nacional, do Chile, que meses antes havia sido utilizado pela ditadura militar de Pinochet como presídio político. Nesse Estádio inúmeros patriotas foram assassinados pelos militares fascistas chilenos. Em 78, o meio-campista Breitner, capitão da seleção alemã, recusou-se a jogar no Mundial da Argentina, em protesto contra a ditadura de Videla.

O atual boicote, em vias de ser patrocinado pelos governos inglês e argentino nada tem a ver com a luta dos povos. Pelo contrário, a

disputa que os colonialistas ingleses e os militares argentinos fazem nas ilhas do Atlântico Sul não levam em conta os anseios dos trabalhadores dos dois países. Estender a ação dos governos desses dois países para o meio esportivo é uma atitude condenável. Tão condenável quanto o próprio conflito militar, que já está custando centenas de vidas aos povos inglês e argentino.

O esporte não é patrimônio e nem propriedade de ninguém que não seja o povo. Ele não deve ser utilizado em favor de nenhum interesse, senão a aproximação e o conagraamento entre os povos e, por outro lado, para destacar a beleza de sua prática, quando em padrões de boa qualidade.

O boicote atualmente proposto revela uma compreensão anti-esportiva das competições internacionais, que não são "teatro de operações de guerra" entre imperialistas e fascistas. Ainda mais por se inspirar num conflito crescentemente reprovado pelos defensores da paz, e também pela esmagadora maioria de atletas e esportistas. (Jessé Madureira)

Jogada comercial da Globo no festival MPB-SHELL 82

A poderosa Rede Globo vem desempenhando muito bem o papel de destacada representante do imperialismo cultural. E todo mundo desconfia quando a Globo se propõe a incentivar as manifestações culturais do povo. É o caso do Festival MPB-SHELL 82. Já no próprio nome tenta-se unir duas coisas opostas: a música popular brasileira (que sempre refletiu as lutas e a realidade do povo) e a multinacional Shell (inimiga tradicional do povo brasileiro).

JOGADA COMERCIAL

O regulamento do festival diz que "podem ser inscritas músicas por indicação das gravadoras filiadas à Associação Brasileira de Produtores de Disco" (entidade que defende os interesses das multinacionais do disco). "A Rede



Globo poderá ceder qualquer das sessenta músicas classificadas a uma gravadora da ABPD..." "Caberá à Rede Globo a escolha dos intérpretes para todas as músicas concorrentes."

Ora, só esses três itens demonstram a enorme jogada comercial que está por trás do

MPB-SHELL. Os compositores classificados perdem completamente o direito de decidir sobre sua obra. As músicas inscritas ou apadrinhadas pelas gravadoras têm um grande esquema promocional à disposição, entrando com grande vantagem sobre as de "inscrição popular".

Durante o Festival, um júri, composto por 50 atores da Globo, manequins, personalidades da "alta sociedade" e alguns músicos, escolhe as músicas finalistas. Estas músicas são executadas exaustivamente em todas as rádios, preparando o "gosto" do público para as músicas vencedoras.

ABAIXO DA CRÍTICA

O próprio diretor musical do MPB-SHELL, Guto Graça Melo, reconheceu que "o festival do ano passado não representou nada, foi abaixo da crítica". E a única novidade do Festival deste ano foi a proibição de uma das músicas pela Censura Federal. Fora isso, a qualidade artística continua baixa e não reflete a situação real da música brasileira. O MPB-SHELL é, na realidade, um festival de lueros para as gravadoras e a Rede Globo. (Miguel, do grupo musical mineiro Mambembe)



Dominguinhos, um dos participantes do MPB-SHELL

Participação na luta parlamentar

No 1º de maio, alguns líderes sindicais manifestaram a esperança de que em 15 de novembro "conquistaremos a maioria no Congresso Nacional e acabaremos com este regime que nos oprime desde 1964". Mas de outras pessoas ouvimos comentários inteiramente opostos. Argumentando que o parlamento está historicamente superado, certas pessoas diziam que "as eleições não resolvem nada, só a revolução".

POLÍTICA CONCRETA

Nenhuma das duas posições podem servir ao proletariado. É verdade que as eleições não são suficientes para a conquista da liberdade. O parlamento é uma das instituições do Estado e, particularmente no Brasil, é sabido que não é esta instituição que tem o maior poder. Sempre que se encontram em dificuldades, as classes dominantes apóiam-se nas forças armadas para manter o poder em suas mãos — e para fechar o parlamento quando consideram necessário. E mais do que isto, as próprias normas para o funcionamento desta instituição impedem qualquer mudança significativa no sistema em vigor. Nesse sentido, é certo dizer que o parlamento está historicamente superado. Mesmo eleições razoavelmente democráticas não seriam capazes de alterar a situação de opressão em que vive o país.

Mas limitar-se a reconhecer que é preciso a revolução para as transformações profundas na sociedade pouco adianta. É essencial encontrar os caminhos concretos que levam à revolução. Isso não pode ser feito à margem da luta política em curso no país. E não se pode desconhecer que a luta eleitoral mobiliza grandes massas — é este o referencial prático do proletariado consciente. Por isto mesmo, politicamente é essencial participar ativamente da luta neste terreno, se não quiser isolar-se do povo e fazer política baseada em desejos.

FRENTE INDISPENSÁVEL

O parlamento é uma tribuna de onde pode-se fazer a denúncia das injustiças e exigir o respeito aos direitos do povo. O proletariado, pela atuação de seus representantes, deve ajudar para que as massas façam a sua própria experiência na luta parlamentar.

Esperar que as eleições resolvam a luta contra o regime é uma ilusão. E só pode conduzir à conciliação com os donos do poder. Mas, enquanto não se concretiza a revolução, as eleições e as campanhas eleitorais ajudam a esclarecer, a elevar o nível de consciência e a organizar o povo. Neste sentido as eleições fazem parte indispensável da preparação revolucionária. Nos momentos de crise, a luta eleitoral pode impulsionar o movimento político e inclusive conduzir a uma situação revolucionária. Os representantes operários e populares devem usar os seus mandatos para defender a democracia e a liberdade. E podem colaborar grandemente mesmo para a organização popular fora do parlamento.

ATUAÇÃO FLEXÍVEL

A atuação na luta parlamentar é parte importante da luta pela libertação política e social. Mas não se pode ser esquemático nesta frente de luta. Não existe uma só forma de atuar. Em 1970, por exemplo, os brasileiros derrotaram o governo e desmascararam a fraude eleitoral optando maciçamente pelo voto nulo. Mas hoje a situação é diferente. Votando contra o governo e elegendo os mais destacados opositores, o povo pode transformar as eleições deste ano em um plebiscito contra o regime. Desta forma, pode contribuir para desmascarar os generais e criar condições favoráveis à liquidação do regime militar. A seguir, a luta nacional e a revolução.

NÃO DEIXE DE LER



Os Comunistas e as Eleições

Os comunistas participam das eleições parlamentares visando desenvolver a consciência das massas, elevar o seu nível político, organizá-las para a luta contra toda a exploração e opressão. Os Comunistas e as Eleições, coletânea de textos de Lênin, é uma importante obra que a Editora Anita Garibaldi coloca ao alcance dos leitores brasileiros. Pedidos para a Travessa Brigadeiro Luís Antônio, 53 - CEP: 01318 - São Paulo.



L. Carlos Leite

Atrás dos portões da Volks, a concentração dos operários grevistas

Máquinas paradas contra arrocho em São Bernardo

“A gente chegou de manhã, colocou o macacão e foi receber o salário. Mas conforme se via que no holerit de pagamento só tinha 4% de aumento, voltava à seção e desligava a máquina”, conta Josias, operário da Volkswagen. Foi assim que começou no dia 10 a greve que já atinge 60 mil metalúrgicos em São Bernardo e Sertãozinho.

Os primeiros a parar foram os 26 mil operários da Volkswagen. Logo após, espontaneamente, outras montadoras aderiram: Mercedes, Ford, Scania e Volks Caminhão. Ao total, a greve em São Bernardo atinge 53.150 metalúrgicos, dos 92 mil que restam na região após a onda de desemprego. A greve demonstra que os metalúrgicos superaram o temor às demissões e que há um elevado grau de revolta acumulado.

Apesar disto, a greve é criativa e cheia de garra. Inúmeras passeatas foram feitas, como na Volks, mas só pelas ruelas internas da firma. “Bonito seria se essa multidão de peão estivesse nas ruas da cidade, mostrando para todo povo que nós somos bons de briga pelos nossos direitos”, afirma um metalúrgico do setor 1.404 da Volks. Na Mercedes e Ford os operários deixaram de lado a cerca que separa as duas empresas e realizaram uma reunião, o que mostra o desejo de agir em conjunto.

No dia 11, os funcionários dos escritórios da Volks e da Mercedes aderiram à greve. E na saída do turno contribuíram com 50 mil cruzeiros para o Fundo de Greve. Um mensalista com doze anos de casa confessou em ocianado à **Tribuna**: “Até que enfim nós criamos vergonha. Afinal os horistas sempre fizeram greve e o que eles conquistavam era estendido a nós, sem que tivéssemos feito nada. Agora paramos também”.

Filtrobrás chama polícia para expulsar demitidos

Na Filtrobrás, os operários se certificaram mais uma vez que não podem confiar em patrão. Após fazer um “acordo” com o Sindicato, a firma demitiu 30 operários e chamou a polícia para expulsá-los da fábrica.

Os patrões se recusam a negociar em separado com o Sindicato. E Roberto Della Manna, da Fiesp, já afirmou que a greve será decretada ilegal. Agora resta aos operários se unirem na greve, reforçando sua posição contra os patrões unidos na Fiesp. A assembléia do dia 15, no Estádio de Vila Euclides, pode detonar a greve geral da categoria. (Altamiro Borges).

Piquetes garantem a greve em Sertãozinho

Diferente de São Bernardo, em Sertãozinho a orientação do Sindicato é para uma greve ativa que arraste toda a categoria para luta. “Afinal de contas todos os operários estão no mesmo barco, as reivindicações são comuns”, explica Antonio Guerreiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho. “Nós não podemos isolar as greves nas fábricas, porque isso tira nossa força frente à Fiesp”.

Quatro dos oito mil metalúrgicos de Sertãozinho já estão parados. E a tendência é a greve se alastrar, puxada pelo Sindicato. Piquetes estão sendo feitos, como o da Zanini que reuniu mais de 500 operários. E, na Zanini, 300 operários dormi-



L. Carlos Leite

Guerreiro

ram na porta da fábrica dia 12. “Assim, fica mais fácil acordar todo mundo para os piquetes”, comenta Guerreiro. “O piquete é a principal arma que temos. Os patrões, através da chefia, tentam obrigar os trabalhadores a entrarem na firma para trabalhar. Nós temos que fazer pressão para manter os companheiros unidos na greve”.



L. Carlos Leite

O corredor dos metalúrgicos para o fundo de greve

É dever do Sindicato generalizar a greve

A greve de São Bernardo se assemelha à que estourou no dia 12 de maio de 1978 na Scania. Mas se naquele ano, após um longo período de repressão, era louvável a greve por fábrica. A paralisação que agora se inicia, isolada por empresas, demonstra um atraso. Significa que a direção sindical não aproveita o potencial de luta e revolta dos trabalhadores. Afinal, o grau de consciência e organização hoje no ABC é maior. De 1978

para cá aumentaram as comissões de fábrica, legais e ou não, e elevou-se o nível de consciência. Por experiência própria os metalúrgicos sabem que a polícia e a justiça servem unicamente aos patrões. A direção da greve do ABC ainda predomina uma visão atrasada de luta sindical. Os trabalhadores são jogados no isolamento, ficando presos dentro de suas fábricas, manifestando-se apenas nas ruelas internas das

firmas. Para ter maior poder de pressão sobre os patrões unidos na Fiesp, seria preciso estar nas ruas, fazendo piquetes nas inúmeras empresas que ainda continuam a trabalhar. Numa greve todos os operários devem ter uma tarefa, todos têm papel decisivo. Tanto para convencer os companheiros menos experientes, como para buscar solidariedade de outros setores da sociedade e, principalmente, para brecar qualquer intervenção do governo. Na recente

greve dos operários de Niterói ficou claro que para obter vitórias cada operário deve ter sua tarefa. Ao contrário, a greve da Brastemp indicou que o isolamento leva à derrota, já que os patrões e o governo concentram suas forças sobre os grevistas isolados e não há o poder da classe unida. E o papel do Sindicato é exatamente unificar a luta. E não, como ocorre no ABC, ficar esperando que as greves pipoquem espontaneamente nas fábricas.

Operários trabalham como escravos na construção civil

Quatrocentos operários, na maioria nordestinos, vivem num regime de escravidão na cidade de Itapevi, a 30 quilômetros de São Paulo. Na Construtora Irfasa eles são constantemente espancados pelos guardas de segurança. Trabalham até 56 horas por semana sem receber hora-extra e se reclamam recebem ameaças de morte. A reportagem da **Tribuna** foi lá e confirmou as denúncias.



L. Carlos Leite

Em frente a estação Roosevelt, a busca de um emprego



Os nordestinos que chegam em São Paulo sem um emprego qualificado, acabam indo trabalhar nas empresas de construção civil. Geralmente trabalham como serventes, onde o que se exige é disposição para o trabalho pesado. A taxa de acidentes de trabalho nestas construtoras é das mais altas. A rotatividade no serviço é muito grande, o que leva a categoria a ser pouco organizada na defesa de seus interesses. O que acontece na Construtora Irfasa, em Itapevi, é um exemplo. Depois das denúncias contra a Irfasa, foi aberto um inquérito policial e no dia 10 de maio cinco pessoas ligadas à Construtora foram indiciadas, acusadas de maltratar e manter em regime de escravidão 400 operários. Ivani Lopes, que tem um boteco em frente à construtora, foi ameaçada pelo vigilante José Benedito Vaz, por denunciar as arbitrariedades. Ela diz: “Os operários não prestam queixas porque são espancados e despedidos. São como escravos. Não sei como conseguem viver”.

INFERNO NA CONSTRUTORA

Fomos até o canteiro de obras da Irfasa, mas na portaria os guardas da segurança não nos deixaram entrar. Ao anoitecer, em um boteco, conversamos com dois pedreiros da construtora e eles confirmaram todas as denúncias. Um deles contou: “Só porque dei um vale errado na hora do almoço, juntaram quatro guardas e bateram em mim”. Os dois trabalham 10 horas por dia e não recebem hora-extra.

Os operários da construção civil também são vítimas das “gatas”, em presas especializadas em contratar mão-de-obra para as construções. Em

São Paulo, estas empresas recrutam os peões em frente à estação ferroviária Roosevelt, também conhecida por “Estação do Norte” porque era o ponto de embarque e desembarque dos nordestinos. O ponto comum de todos que estão ali esperando uma oportunidade de emprego é a crítica a estas empresas locadoras de mão-de-obra.

LUCRO ÀS CUSTAS DO PEÃO

Geraldo Inocêncio dos Santos afirma indignado que foi trabalhar de pedreiro, sem registro, para a ABC Empregos Efetivos e Temporários: “Me descontaram o INPS e agora não me pagam os meus direitos”. Carlindo Maranhão de Barros trabalha como encarregado de obras, é mais esclarecido e dá sua opinião: “Essas firmas fazem contrato com outras empresas e tiram lucro em cima da gente”.

No meio de todos aqueles trabalhadores de fisionomia sofrida, está José Fernandes Vieira, com uma mala na mão, sem família e a fim de arranjar serviço. Voz cansada, diz que está desempregado: “Faz uma semana que estou passando fome. Dormi esta noite no Cetrem, porque estou sem dinheiro”. José Fernandes conta que já trabalhou na Construtora Irfasa e confirma que “aquilo que saiu no rádio é verdade. Lá não podia fazer nada que os guardas davam com o cassetete no peão”.

Na pequena praça, diversas peruas kombis das empreiteiras ficam com suas portas abertas para levar mais alguns peões. Um dos desempregados, que já conhece a arapuca, fala, revoltado, que “dá vontade de pegar uma perua dessas e botar fogo”.

(Domíngos de Abreu)



L. Carlos Leite

Operários da Construtora Irfasa são espancados como na época da escravidão

Denúncias de um nordestino em S. P.

Os nordestinos em São Paulo têm um intransigente defensor de seus direitos no jovem cearense Iracílio Brasil. Atualmente, diretor de relações públicas da União dos Nordestinos de São Paulo e trabalhando na Câmara Municipal, Iracílio tem pagado caro por esta sua postura. Ainda carrega no rosto e no torax os sinais das pancadas que levou de quatro policiais, no último dia 8. Naquela noite, quando voltava para casa, viu duas pessoas algemadas em um poste e sendo espancadas por quatro PMs. Protestou, e aí começou a sessão de pancadaria contra ele.

Mas as agressões aumentaram ainda mais quando os policiais souberam pelo rádio da viatura que Iracílio foi quem havia denunciado na imprensa a “Máfia do Glicério” (veja no número anterior da **Tribuna**). Sangrando e com hematomas por todo o corpo, foi levado ao Pronto Socorro e à Delegacia de Polícia. Iracílio Brasil nasceu no Ceará há 28 anos e chegou com sua família em São Paulo em 1959. Querendo levar uma vida independente, saiu de casa e compartilhou com seus conterrâneos todas as dificuldades. Chegou a passar fome e dormir nos bancos de praça. Só não me tornei marginal devido à minha consciência política.



L. Carlos Leite

Iracílio Brasil mostra o sinal da agressão

Entre 1977 e 1978, Iracílio trabalhou numa empresa de segurança e nessa época organizou a Associação dos Vigilantes. “Constatamos que a maioria daqueles trabalhadores eram nordestinos e recebíamos denúncias até de espancamentos contra eles”. Mais tarde deixou o cargo de presidente da Associação para fundar a Abenresp (Associação Beneficente dos Nordestinos Residentes no Estado de São Paulo). Atualmente ele participa da diretoria da União dos Nordestinos. E batalha com as forças que tentam transformar a jovem entidade num verdadeiro centro de união e defesa dos seus conterrâneos residentes em São Paulo.